

Relevo

março/2021, n. 7, a. 11

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O RelevO

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevO.com/assine e jornalrelevO.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevO.com.

Publique: O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevO.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevO.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de autoria de Christian Chart. Você pode conferir mais do trabalho dele em www.instagram.com/chrischart_>.

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 180 André Valente; R\$ 160 Alvaro Nunes; R\$ 120 Maria Alexandra Cunha; Edival Perrini; Osny Tavares; R\$ 150 Péricles Souza; R\$ 105 Irka Barrios; Ana Maria Rodrigues; R\$ 100 Jailson Correa; Zaclis Veiga; Rafael Estorilio; Silvana Guimarães; Harry Crowl; Marina Dubia; Victor Cruzeiro; Iza Magna Brito; Luciana Merley; Emiliana Torteloti; Tom D; R\$ 80 Alisson Coelho; Simone Nunes; Decio Zylbersztajn; Rita Apoena; R\$ 75 Natalia Timerman; Rafael Gayer; Alvaro Posselt; R\$ 60 Pri Serbonchini; Robson de Oliveira Aguiar; Letícia Copatti Dogenski; Rômulo Candal; Guyllherme Custódio; Lucas Leite; Guilherme Bucco; Helena Carnieri; Nath Reichel; Júlia Bottini; Carlos Pessoa Rosa; Sandra Modesto; Michelle Pereira; Walter Thoms; André Volpato; Priscila Branco; Rosana da Silva Cuba; Júlia de Carvalho Hansen; Isabela Saramago; Anderson Novello; Henrique Silva Santos; Johan Heys; Francisco Leandro Costa; Raphael Dourado; Lucineide Pereira Lima; Anthony Felipe; Luiza Pereira; Cezar Tridapalli; Elton Mesquita; Fabio Rocha; Marcio Francisco Félix; Lília Figueiredo; Mayã Gonçalves Fernandes; Roseana Murray; Mariana Ronchetti; Matheus Albergoni; Daniel Martini; Elter Correa; Leopoldo Comitti; Eleazar Venancio Carrías; Pedro Carrano; Antonio Sodré; Rodrigo Sena; Clauco Oliveira; Ades Nascimento; R\$ 57 André Tezza; Adriana Secafim; Vinicius Loureiro; R\$ 55 Ricardo Phol; Marcela Fernandes; R\$ 50 Rique Ferr ri; Eduardo Pereira de Souza; R\$ 35 Juliana Kirhhof.

TOTAL: R\$ 5.626

ANUNCIANTES:

R\$ 120 Elisa Pereira; R\$ 100 William Soares; Editora Penalux, Orib  Editorial; Estante Dist pica; R\$ 60 Solte O Verbo Línguas; R\$ 50 Livraria Parágrafo; Rômulo Cardoso.

TOTAL: R\$ 770

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 883
Escritório: R\$ 390
Embalagem: R\$ 288
Entregadora: R\$ 60
Autores e ilustradores fevereiro: R\$ 500
Autores e ilustradores retroativo: R\$ 60
Editor-assistente: R\$ 300
Serviços editoriais: R\$ 300
M dias sociais: R\$ 250
Diagrama o: R\$ 100
Infografia: R\$ 60

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 400
Correios: R\$ 1855

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 30

(+) Entradas totais: R\$ 6.561

(-) Saídas totais: R\$ 6.576

(=) Resultado operacional: - **R\$ 15**

Março/2021

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Osny Tavares
Revisão:  s Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 3.000

Edi o finalizada em 26 de fevereiro de 2021

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Cezar Tridapalli
Morgana Rech
Felipe Harmata
Jacqueline Carteri
Osny Tavares
Whisner Fraga

DOS LEITORES

REVELAÇÕES

Alvaro Nunes A consolidada revelação do Alguem Lucas é uma realidade literária que espanta a letargia e a superficialidade dos textos estreitos e de estilos convencionais a que se está exposto diariamente, lança ventos que afastam as teias de aranha das mentes domesticadas. Mesmo que outras ideias apresentadas em **RelevO** possam estar fora de meu alcance, porque minha capacidade de entendimento, atualidade e informação reconheço serem limitadas, também me fazem refletir sobre o motivo pelo qual não as compreendo inteiramente. É tarefa minha me aperfeiçoar para ir tendo acesso a conteúdos e formas que, até o momento, me são estranhos. Em tempo, sou um septuagenário pouco letrado, que ainda teima em aprender. O humor do “Acústicos **RelevO**” da última edição é anarquicamente sutil, um verdadeiro achado. Até mesmo os xingamentos têm sua razão de ser, necessitamos de inconformismos, sejam justificados ou não. E recomendo especial atenção para o que diz a leitora Brunna Gabardo, já uma jornalista de altíssimo nível, embora ainda estudante, que possui todo o potencial de texto, inteligência, senso de oportunidade e capacidade de expressão moderna, cristalina e abrangente para desenvolver um estilo próprio de elevada qualidade e de longo alcance. Que receba espaços para se expressar e que não desista de buscá-los, apenas pela amostra que nos dá em seu comentário, tem um futuro muito promissor, pois já é uma realidade, basta observar. Fiquei muito satisfeito com a nova edição porque no **RelevO** toda linguagem é permitida e todo estilo é acolhido. Verdadeiro jornalismo literário, um vale-tudo sem regras, impera a criatividade ampla. Ter “viés de curva”, como alguém cita, é algo normal e muito útil para que se contorne a escravização a tendências toscas. Se me permitem a comparação, é tão anárquico e genial quanto o programa do Chacrinha. Sigam em frente.

VIÉS

Greicy Pinto Bellin Ontem tive o prazer de ler o retorno tardio dado por um assinante anônimo àquele (fatídico!) texto de minha autoria publicado ano passado no **RelevO** [“Alguns apontamentos sobre pandemia e literatura”, julho de 2020]. Trata-se de uma reação muito bem escrita e inteligente, mas me chamou a atenção o fato de ele não querer ser identificado por receio de cancelamento — o que acho compreensível até certo ponto, afinal, nosso contexto atual está bem complicado

neste sentido. Creio que, muito mais do que uma articulada reação ao meu artigo, o texto é um verdadeiro sintoma dos tempos, e um instigante convite à reflexão sobre como está funcionando o mercado literário hoje em dia. Também acredito que é um termômetro do tipo de leitor que o jornal tem angariado em tempos de ascensão do pensamento “de direita” — e também da mudança de perfil pela qual está passando parte deste público, que me parece meio cansado de análises de cunho progressista — basta verificar que conteúdos e lives com teor conservador apresentam um número muito alto de visualizações (esses dias Olavo de Carvalho, que o povo da esquerda odeia, teve 100 mil visualizações!) porque parece ser o tipo de coisa que as pessoas desejam, ainda que inconscientemente, ouvir em tempos sombrios. De minha parte ser cancelada ou atacada não é mais algo que me amedronta — sinto que sempre fui, por bem menos do que textos como aquele! —, mas é evidente que estou em uma condição diversa, sem dependência do mercado literário para sobreviver, por isso não culpo o anonimato. Abraços e bom final de semana.

Leandro Barroso Me considero um entusiasta de projetos culturais que dão certo — e o **RelevO** é talvez a mais próxima referência da minha realidade, por ser assinante e ter conhecido um pouco da sua história na época da universidade. Tenham certeza de que, daqui, olhamos para o trabalho desenvolvido pelo jornal com grande admiração e respeito.

SUL.

Rosa Acssia Luizari Darei um tempo, mas espero poder continuar contribuindo mais para frente. Acho de uma qualidade superior tudo o que se refere ao Paraná e Rio Grande do Sul. Aprecio a disciplina e o trabalho editorial de vocês, além do bom humor, é claro. Assim que eu puder voltar a contribuir, entrarei em contato. Grande abraço.

Marcelo Alcaraz Ótima iniciativa a remuneração de autores e autoras. Em alguns países é algo óbvio, justo. Por aqui, uma raridade.

Flávio Bertoldi Ora, o **RelevO** é um bom jornal e merece todo reconhecimento. Trabalho sério, com bons conteúdos, humor de primeira. Fiquei apaixonado pelas edições on-line, assinar pareceu-me a coisa certa a ser feita. Eventualmente, indicá-lo aos amigos, presentear outros... Enfim, faço votos de muito sucesso ao jornal e ao pessoal que o edita. Grande abraço!

MÉRDE!

TW Jonas Eu gosto de jornal impresso. Assino a *Folha de S. Paulo* de fim de semana e um pequeno jornal, produzido por um pessoal de Curitiba, o **RelevO**, que mistura humor escrachado com poesia, contos e ensaios. Descobri autores extraordinários lá, como a Maria Fernanda Elias Maglio. Nesses dias de merda, o jornal é uma espécie de remédio para a melancolia (roubo esse título de um livro do Ray Bradbury). Às vezes ele nos traz a oportunidade de rir dos outros, especialmente na seção de cartas. Eu sei que é feio, mas solto gargalhadas sem dó. Vejam esta preciosidade [carta do escritor Adriano Besen sobre a ofensiva entrevista com Gustavo Kuerten nas páginas centrais da edição de 10 anos do **RelevO**, setembro de 2020]. O camarada primeiramente diz que o jornal só lhe interessaria se os editores publicassem um texto seu. Depois entra num queixume a respeito de um texto jocoso sobre o Guga, presente na edição de aniversário do periódico. Sim, isso mesmo, o Gustavo Kuerten. Por fim, ameaça levar a edição com o famigerado texto na casa do próprio Guga. É hilário.

Érika Kanai Olá, bom dia. Achei legal haver um jornal voltado para escritores e com espaço para divulgar um pouco dos escritos e opiniões. Uma curiosidade à parte, fazia muito tempo que eu não segurava um jornal de papel. É uma dessas manias de leitor.

Francisco Leandro Costa Adorei a sessão de desabafos do Jornal de janeiro. Meus amigos, quanta carência afetiva nesta classe literária. Ri que a barriga doeu de alguns desabafos. Ainda bem que não enviei nenhum deles a vocês!

CHEIRO DE MAR

Amanda Cavalcante Como boa procrastinadora que sou, deixei acumular as edições desde outubro. Cheguei em dezembro agora e adorei que são textos curtos e consegui ler rapidinho, numa sentada só. Fotografei o primeiro texto da Amanda Vital e coloquei no bloco de notas pra de vez em quando dar umas olhadas porque trouxe sensação de coração quentinho e saudade do colo das minhas avós e do cheiro de mar.

CUSCUZ

Matheus A. Duarte Saudações, meus caros desconhecidos. Espero que estejam bem, mesmo! Bom, tenho dedicado bastante de meu escasso tempo a ler o **RelevO** e, com isso, tenho desenvolvido um apreço enorme pelo periódico. Pois

então, talvez eu não me recorde de como fui parar num grupo de Literatura Russa e conheci Fernanda Dante. Uma moça amável e simpática. Lá estava ela a ofertar uma assinatura deste Jornal para o qual agora escrevo. O que pretendo dizer é que não sei o que seriam de minhas madrugadas a fio lendo cada uma das pérolas aqui publicadas. A criatividade da galera que deixam aqui suas entranhas é tamanha que me sinto completa e estratosféricamente inspirado a cada ponto final e ao virar de páginas. Anseio algum dia criar a devida coragem e enviá-los algum material. Não tenho me sentido triste o bastante para. Por enquanto sigo a apreciar. Agradeço a você, Fernanda, e a todos que fazem parte dessa comunidade. Desejo a vocês uma boa leitura e espero que tenham em mãos um café e um recheado prato com cuscuz e manteiga derretida. *Bon appetite!*

JOBIM/BOWIE

Henrique Jr. Será que algum desavisado foi procurar os álbuns da parceria Jobim/Bowie nos streamings? Na Amazon? Quiçá nos sebos? Certeza que sim. Isso só reforça meus elogios ao texto de Mateus Ribeiro na edição de fevereiro. Afinal, literatura serve pra isto: não só criar um mundo próprio, mas balançar a realidade.

Sandra Acosta Quantas outras mulheres além de Charlotte Brontë, contracapa do **RelevO** de fevereiro, escritoras ou não, deixaram de contribuir para um mundo mais sábio, diverso, complexo ou belo? Que façamos, ainda que em memória, reparação dessa omissão da sociedade de tempos antigos (ou não) que deixa de lado seus talentos em nome de padrões tolos ou preconceitos infundados. Se eu puder dar uma sugestão, valorize as vozes femininas e leia mais mulheres. Já é um começo de expansão do olhar para o lado mais sensível e susceptível de nós mesmos.

Rojefferson Moraes Xícara de café, e o lindíssimo jornal literário **RelevO** para esquentar o peito e ler a entrevista com o vencedor do Prêmio Jabuti, Itamar Vieira Jr., autor do romance *Torto Arado*. Coisa fina!

Cassiano Lodbrok Em meio a essa era digital, recebo pela primeira vez a edição impressa do **RelevO**. Aquela sensação Old School, do cheiro do papel de jornal, de ir até a caixinha de correio buscar aquele pacote sem saber o que tem dentro dele foi uma experiência nostálgica e muito gratificante. Nesse próximo ano que virá, sei que ao menos uma vez por mês terei esta experiência nostálgica, nova e “diferentona”. Valeu, Jornal, por me dar a chance de dizer: — Agora vou ler o Meu Jornal tomando meu café!

JAMAIS ME REVELAREI

pauliceia desvairada Olá, meninas. (e meninos, quem sabe? meninos também). Uma crônica minha foi publicada no Jornal, retirada exatamente desse Instagram, que, em tempos de internet e coronavírus, é um livro aberto. Muito feliz com essa notícia! E ainda não me revelarei! Esse jornal é bom demais, vale muito a pena assinar. Por hoje é isso. Beijos na bunda.

MJ Scheres Como sempre, a arte de capa está sensacional.

Carlos Kahê O jornal ficou maravilhoso.

Shana Emanuelle Soares
#OImpressoEstáVivo

Priscila Lopes Sou fã e admiradora da trajetória do jornal. Assinar o **RelevO** me levou a ter contato com escritoras e artistas além da minha bolha social. Super recomendo!

O QUE FALTA: EU?

Germano Gonçalves Vamos mencionar mais literatura marginal!

Editor Desculpa, Germano, não entendi.

Germano Gonçalves Bom dia. Tipo assim, você não é editor deste jornal literário? Que tal uma pauta sobre literatura marginal no jornal?

Editor Ah, entendi. Geralmente, nós publicamos textos com caráter menos jornalístico. O foco é a seleção e publicação de novos autores e autoras contemporâneas. Mas nada impede que, caso seja enviado um bom material acerca do tema, publiquemos. Obrigado pela sua ideia. Abração!

Germano Gonçalves Mas meus textos são exatamente menos jornalísticos, preparei algo aqui lhe envio e você avalia, agradece. Fica na paz e se cuida!

ENCLAVE

Isabela Saramago Obrigada pelo envio desta edição. Adoro o conteúdo da revista. Adorei o artigo Palais Idéal. Como arquiteta urbanista, fiquei encantada com essa intervenção artística inusitada pelo amor à natureza. Boa semana!

Felicio Bule Estou grato pela interação e por me proporcionar esta leitura.

Sidney Amandulo Olá! Adorei a newsletter! Três histórias incríveis! Como sugestão, que tal uma matéria alternativa sobre os 80 anos de Leonardo Fróes? Só uma sugestão mesmo. Beijos, gente e obrigado!

Pedro Araujo A *Enclave* é a minha parte favorita do **RelevO**. Muito bom! Parabéns pelas edições!

Adriana Baggio A *Enclave* ótima, como sempre. Fiquei fascinada pela história do Mère Louise e com inveja de uma cidade (e de um tempo?) em que o transporte público funciona regularmente até de madrugada na zona boêmia. Em Curitiba, passou da meia-noite é só madrugueiro e com cartão. Já vi malandro ficar a pé na canaleta do Santa Cândida-Capão Raso porque o coletivo da madrugada não aceita dinheiro. Uma última coisa: achei bacana a discussão sobre a embalagem plástica do jornal. Eu mesma pensava como o colega leitor, que talvez pudesse ser dispensada, mas ao mesmo tempo entendia que, sem ela, os jornais poderiam chegar rasgados, destruídos, na casa de alguns assinantes. Por ficar na chuva, por enganchar na caixa de correspondência etc. Trabalhei bastante tempo com marketing direto e, mesmo sendo redatora, era nossa preocupação pensar as peças de modo a evitar ao máximo os acidentes da entrega. E se for considerar que, com a greve dos correios, a situação das entregas já estava comprometida, arriscar mais um “desgosto” pro assinante talvez complicasse a vida de vocês. Mas vocês disseram que iam experimentar a entrega sem o plástico e acho que é o segundo mês que vem só no envelope. Pra mim chega bem direitinho, e fico contente que pareça estar dando certo. Não sou nenhum exemplo de comportamento sustentável e tal e certamente não é a retirada do plástico do envio do **RelevO** que vai salvar o mundo dos lixões e dos animais marinhos mortos engasgados. No entanto, sempre que consigo evitar uma embalagem adicional, me sinto melhor. Um abração,

EDITORIAL

Precisamos dos ovos

Em um certo momento de *Annie Hall*, Alvin Singer, o humorista histriônico interpretado por Woody Allen, conta:

“Um cara vai ao psiquiatra e fala:

—Doutor, meu irmão é louco, ele pensa que é uma galinha.

E o médico diz:

— Se é assim, por que você não o interna, para ele ser tratado?

O cara responde:

—Porque eu preciso dos ovos.”

Um jornal de papel e de literatura é um certo jeito de perpetuar uma insanidade contínua. Em tempos de registros digitais e de validação da presença pela não presencialidade, não deixamos de constatar como somos deslocados (não confundir com descolados), a mãe judia de Singer enfatizando que o filho era defasado no tempo desde criança.

Abrindo nossa 11ª temporada de publicação, com mais de 140 edições impressas, todo mês ali, de modo ininterrupto, percebemos como repetimos nossos erros e nossas luzes, em um ciclo de estranheza que podemos classificar como loucura sustentável. De algum modo, estamos sempre próximos do fim; de algum modo, sempre continuamos.

Recentemente, na edição em que completamos dez anos, tentamos vender aquilo que chamamos de negócio para a Red Bull. Infelizmente, fomos solenemente ignorados e, por enquanto, o **RelevO** não estampará nenhum energético com citações motivacionais impulsionadas por taurina (100 mg) e açúcar (20 g).

Com a distensão temporal de 2020 espalhando a entrada de 2021, mal conseguimos conversar com o terapeuta. Temos nossas neuroses e obsessões — tigres, uísque, Correios —, mas sabemos que um bom tanto de nossa vida dramática é performance, logro, joguete, *mise-en-scène*: estamos aqui, por mais um mês, transformando holerite em aleluia.

Ao **RelevO**, resta o aperfeiçoamento de sua tarefa sisífica: luvas para carregar a enorme pedra; quem sabe asfalto ou até mesmo uma carretinha reboque. Conseguimos nos sustentar com as próprias pernas e até pagar: se Sísifo recebesse para ser Sísifo, simplesmente não o seria. As galinhas imaginárias estão aí, e, afinal, o poeta José Mourinho há muito nos ensinou que “não se faz omelete sem ovos”.

Uma boa leitura a todos.



Osny Tavares

Quem lê, quem escreve, quem lê

O publisher do **RelevO** concede ao ombudsman um espaço nobre, neste alto de página 5. Centrão entre percepções de quem faz e quem lê, ele pode ser um criador de caso ou um pacificador — se competente, as duas coisas.

Na edição de fevereiro, a leitora Brunna Gabardo escreve longamente sobre sua experiência de leitora do jornal, distribuindo seu carinho entre o conteúdo e a plataforma impressa. Ao revelar seu próprio interesse e aspirações literárias, induziu-me a uma reflexão que, pouco depois, na coluna Editorial da mesma edição, cresceu para tema de coluna: há categorias fixas para definir o autor e o leitor deste periódico?

Porque naquele espaço, o fundador revelou o episódio de um possível assinante que exigiu ser colunista como contrapartida. A partir dele, é possível especular quais as diferentes percepções de valor que os leitores possam vir a ter sobre o produto. Também se eles creem representarem um papel específico em seu ciclo de vida. E, primordialmente, se veem as instâncias de leitor e autor no **RelevO** como verticais e fixas.

Este jornal tem um pé em cada era: analógico por formação e essência, digital por espírito dialético. Da primeira traz o custo marginal. Tudo nele custa algo; e quanto mais há, mais custa. Do segundo traz a possibilidade de criar algo que os novos chamam de comunidade de fala. A literatura produzida nela sempre será a mais próxima. E, porque não, por consequência, a mais valiosa?

Embora realizar essa ideia seja uma questão de curadoria, portanto editorial, a contribuição primeira dos textos é função voluntária de um pressuposto leitor. De forma que esse é o único ombudsman que pode, legitimante, voltar-se contra os leitores que representa. E, de espírito ainda mais livre, os leitores podem rebelar-se entre si. E, ultimamente, consigo mesmos.

Na mesma edição, o poema de Larissa Adur é um exemplo de localização (não por acaso, seu título é um endereço). O humor da página central pode ser um último estímulo para ainda acompanhar notícias. E aponto especialmente para a novidade jornalística do ensaio “Ex Nauseam”, de Algum Lucas — uma confissão de agora.

Há no jornal um esforço pela proximidade. Cabe ao veículo torná-la mais intensa, de forma que até os ligeiros possam vê-la.

APOIADORES



TRÊS SÓIS

WILLIAM SOARES DOS SANTOS

ED. PATUÁ

“Com efeito, o livro, dividido em cinco partes, todas abrindo com sugestivas ilustrações e epígrafes de autores consagrados, da antiguidade aos nossos dias, tece uma espécie de arco, que vai do registro de um fenômeno meteorológico inusitado, que ocorre em regiões nórdicas, ao registro inquietante do próprio fenômeno poético, “sem pano para esfinge,/sem sombra alheia”. Diante da envergadura desse arco de estranhezas, o autor confessa que “a poesia que escrevo agora/quer apenas/a claridade dos espaços”.”

Adriano Espínola

Nós falamos de como destruir sentimentos em um país estrangeiro:

Flavia Calise

da nossa janela
passam os aviões
como fogos de artifício
que se enterram na selva

uma arma é disparada
cai um pássaro morto
e depois caem suas penas
como lágrimas de um homem velho
que chora em algum morro

embaixo está a cidade
e as folhas secas
que cortam os pés como facas afiadas

beijamos corredores de lava
com o som fresco
de um concerto de óculos

toda a violência de uma cidade
em uma península unida por chamas
se atravessa com a boca

dentro da festa
no tanque de água
com uma luz nos meus olhos
que parecem derreter-se
com o golpe dos pés dos meninos
no plástico duro

mas eu não me esqueço
do que dissemos na frente do fogo:
o que a chuva dirá do nosso corpo?

você sabe
que sob a tranquilidade
do joelho ensanguentado
onde se espalha água salgada
chega uma onda
como uma lambida amarga

quando nos conhecemos
nós trepamos o mais que pudemos
como para comemorar
o que tínhamos
o que ninguém nos havia dado

esperamos que os meninos
nos tragam as drogas
com os rostos luzidios
como diamantes puros
no bairro que fica
atrás da rodovia

agora sabemos que o futuro
é apenas a distância
que nunca termina



Bárbara

Cezar Tridapalli

Ainda por cima precisava votar, rever a cidade, as mesmas pessoas agora envelhecidas — existia envilecidas? — como espelho, eleições presidenciais pegando fogo, o país um circo beijando a lona, era palhaçada e era boxe, a mãezinha daquele jeito, ela daquele jeito, tudo daquele jeito, mas de que jeito seria se o jeito é esse, se não fosse esse aí sim seria de outro jeito, e buscar o pai na cidade e votar e enfrentar duas horas de ônibus, se conseguisse dormir na viagem, mas dormir era sonhar não um sonho bom, corvinhos girando como se pássaros amarelos em desenho animado brotasse depois de ela ter levado uma paulada na cabeça. Dormir, só com paulada na cabeça. Mas dali voariam corvinhos, que animada era o que ela não estava, era desenho de alma seca, deus vazou do entusiasmo, só asma e miasma agora, murcha de tudo, haja força de flor pra tanta náusea e ferro na alma. Ao menos não há morte para os minerais. A rigor, existe rua que não seja sem saída?

— Você sabe que cientistas têm mais dúvidas do que certezas? Mas depois que vêm as certezas, que maravilha.

— Se acham. Como se só eles tivessem mais dúvida que certeza. Vai dizer que você não tem mais hesitação que convicção? Duvido. Ó, meu duvido já é dúvida, dúvida da vida, que a gente acha que é dádiva, mas é dívida devida. Não entendo aonde você quer chegar.

— É que estou fazendo um experimento com minhocas e ainda não consegui entender por que elas cagam terra.

— Talvez porque elas comam terra?

— Quer dizer que você come merda?

Susto, sobranceira levantada, esgares, hã.

— De certa forma, todos comemos. Pelos ouvidos, principalmente. Acabei de comer uma do coleguinha da quinta série aqui.

— Tenho senso de humor.

— Na tua terra chamam de humor? E de senso? Na minha época ríamos de piadas assim. Ao menos me fez lembrar da piada e de quanto éramos adoravelmente idiotas. Mas

rir disso adulto é só idiota mesmo, adorabilidade zero.

— Terra e época: espaço e tempo. Eu tenho o ahá da ciência e o haha do humor, entendeu?

— O que tem pra entender?

— O ahá é o eureka, o haha é a risada. Como o ahá, o haha também vem de uma descoberta, de uma surpresa.

— Ah.

— Olha. Ouviu? Além do ahá e do haha, dá pra pôr o ah. O ah podia ser o da arte. Ciência, humor e arte, ahá, haha e ah.

— Meu ah foi de desânimo, não de admiração. E a arte combina melhor com oh (ou *puta que pariu*, mas isso eu não disse). Você quer, tipo, dizer que isso que você fez é arte? Arte de piá pançudo, bem sem graça. Desculpe, não quis ofender. Piá pançudo é gíria, na minha cidade, pra guri imaturo. E não vou me desculpar agora — disse, vendo os pelos da grande barriga dele pedindo liberdade pelos vãos da camisa mal abotoada. Flash difuso de uma infância, pelos e barriga escapando das roupas para prendê-la. Esfolaram sua pele, que depois ela trocou por esfoliaram sua pele, pra diminuir a ferida, sabe?, palavra que machucava menos, levava embora células mortas. Até achar que tivesse esquecido.

Estavam no ônibus quando se reencontraram. Ela ali no a contragosto, eleições depois de amanhã, era votar e buscar o pai, pançudo. Do piá ao pai. Duas facas na mesma garganta. E foi pedir licença porque ele já ocupava assento do corredor e ela precisava passar por ele e ficar na janela. Ele não se levantou, só encolheu um pouco as pernas e ela, digamos, não curtiu aproximar o baixo ventre do rosto de um estranho. Projetava nele um pensamento dela, depois pensou “mas esse aí, coitado”. A conversa de minhocas sobre ciência, arte, humor não tinha sido a primeira coisa, tinha acontecido depois do você não é a? e do sim, nos conhecemos? e das lembranças da escola que ele mantinha frescas enquanto ela as mantinha fracas, sem ideia de que tudo aquilo havia passado pelo seu passado. Se ele estava falando, devia ser

verdade? Que ele achava o máximo da coincidência, conspiração de astros, depois de tantos anos caírem lado a lado naquele trono de poltrona — foi a expressão que ele usou, cruces. Ela achou apenas um azar. E ele veio com aquilo de que há pessoas que a gente não vê faz um tempão e depois que encontra permanece amiga desde sempre, que não teve lacuna nem hiato nem abismo de tempo remoto. Ela achou apenas um azar. E ele falou da vida, que trabalhava numa escola de crianças, fazendo experiências malucas — ah, aprendeu a da minhoca com os alunos, ahá, haha —, reagindo umas coisas com outras coisas e cuidando para que o laboratório não explodisse. Além disso, fazia uns lances aí, e você? Eu estou só com a parte de uns lances aí. Ela se surpreendeu de novo com a memória do como era mesmo o nome dele? com a memória de longo prazo — bastava acreditar que o que ele dizia era verdade — e com a memória de curto prazo, pois ele pegou uma expressão perdida na conversa e retomou com um você disse que na *tua época* você ria de piadas assim, então quer dizer que deve continuar rindo, a menos que eu esteja falando com um fantasma. Essa época de agora, com você aqui e viva, não é a tua época?

— Preferia que não fosse.

Ajeitou-se na poltrona curvando o tronco para a janela, um lado da bunda enterrada no macio enquanto a outra ficava meio no ar. Achou-se pouco resguardada, que mulher precisa ter cada tipo de cuidado que vou te contar, viu? Isso ela pensou, não disse, imagina oferecer um papo desses pro doidinho da minhoca, o aro direito dos óculos grudado às hastes por uma fita adesiva. No caso do pai, acho que era no esquerdo.

Cuidar do corpo e das palavras. Reajeitou-se, agora menos torta, buscou uma mínima simetria, que ele viu como disposição para uma conversa, era daqueles que dizia entender os paranauês do corpo que fala e tal. E como ela se afastou da janela, isso significava se aproximar do trono da poltrona dele. Estava dando muito na cara, minha cara.

— Nossa época é como as outras: roubalheira e sem-vergonhice.

Ele nem acredita muito no que diz, estava entre conquistar um corpo e falar o que pensava, no meio só fio de silêncio que não deixaria nem uma coisa nem outra.

E, meu, que história era aquela de sem-vergonhice e roubalheira se ela estava pensando na mãe, no dia em que não aguentou mais, deu um tapa de ponta de dedos na nuca da velha e berrou: para com essa história, mãe, não aguento mais ver você derrubar uma colher e falar ó, quando cai colher, vai vir uma mulher, quando cai um garfo, vai vir um macho. Bateu mesmo, berrou mesmo, a mãe perdida nas obsessões, o mesmo balaio de frases prontas que não conseguiam mais se desenrodelhar e formular pensamento novo. Ela sabe que não conseguiam nem conseguiriam, as paradas neurológicas, o cérebro de circuito fechado, as sinapses ruas sem saída — a rigor, existia rua que não fosse sem saída? — eram culpa da mãe? Do cérebro da mãe? Dá para se safar de culpa colocando a culpa em braço e mão e nas cordas vocais por terem batido — foi tão leve, quase um carinho — e berrado com o cérebro da mãe, mãezinha, desculpa, não fui eu, foi meu braço e mão, foram minhas cordas vocais que fizeram isso e eu não gritei com a senhora, mas com seu cérebro.

Chorou, a mãe. Algum fio do circuito fechado se soltou, e no minissafanão — existe safaninho? — e no berro algo machucou que fez doer. Depois de recolher as lágrimas, a mãe: o teu pai disse que vinha aqui qualquer dia, vai ver a colher é isso. E dá-lhe erguer a colher, colocar na mesa, ajeitar a mãe na cadeira de rodas. Naquela noite, apareceu um macho que não era o pai — e era uma colher que tinha caído, mãe —, mas um ladrão que entrou, deu umas porradas na velha — aí com força mesmo — e levou a tevê. De tubo ainda. O que mais impressionava era por que, naquele ônibus, ela contava tudo pra ele. Só queria encostar a cabeça no vidro, não pensar em nada — até parece — e chegar logo na casa do pai

dizendo ahá, haha, ah, te encontrei, toma que a filha é tua, agora vai lá. A filha era a mãe dela, era ela, era quem?

– Eu falava da sem-vergonhice e da roubalheira dos políticos. Por culpa deles os vagabundos fazem maldades com velhas assim.

– Velhas assim? Essa senhora é minha mãe.

– Que você chamou de velha, em quem você bateu, com quem você gritou. É exclusividade dos filhos xingarem os pais?

– Pode xingar os teus à vontade, nunca faria coro ao teu solo.

– Isso não te livra da maldade.

Ele entendeu tudo — se era isso mesmo ele não sabe, mas entendeu tudo —, ela desabafava e queria palavras de consolo, até um consolo físico, uma deitadinha no peito, e vai que uma deslizada mais para baixo. A curva das coxas era parábola de encher os olhos, pena a blusa grossa, sem deixar ver mais contornos. Ela cruzou os braços, a ligeirinha. Dava tempo de ele recuar, oferecer palavras aquecidas, jogar o foco em ladrãozinho chinelão vagabundo que merece apodrecer, que é opinião de que ninguém discorda, ninguém, ninguém, ninguém. Não conseguia ver vetor de conciliação: ou mimetizava o compreensivo, os gestos das gentilezas, talvez premiados com alguma forma de sexo — o trono da poltrona em posição favorável no ônibus meio vazio — ou aproveitaria a quase estranha pra compartilhar as nojeiras — ele mesmo as chamava assim, ainda havia voz dentro dele que não era bem ele? — que ele deduziu ou induziu ou abduziu e ninguém tinha coragem de admitir. Tá uma chance de agarrar a mina falando o que penso. Há vetor.

– Eu não condeno você, sabia? Não condeno.

Agora eu julgada por uma coisa que fiz, mas que não era bem eu.

– *Aprendemos* os ditos bons modos, jeitinho de falar, agir na frente dos outros em troca de aceitação. Sempre submissão, percebe? Mas os bons modos não são nossos de verdade. Sozinhos ou diante de alguém indefeso, aí o nós verdadeiro aparece, que é bem diferente desse que envernizamos só pra mostrar pros

outros que aprendemos com esses próprios outros que precisamos ser bonzinhos. Entendeu?

– Nem uma palavra.

– É atrás das etiquetas que te colaram que está você.

Ela não sentiu cheiro de álcool.

Que falar assim generalizante, aprendemos, envernizamos, blablablamos era coisa de bêbado ou de chato, ou de bêbado e chato, ou de bêbado chato, chato bêbado (*para com isso*). Ele não queria que eu respondesse de verdade, né? Falar pra um caído de paraquedas naquele trono de poltrona de ônibus quase vazio.

– Eu já me arrependi.

E tinha mesmo se arrependido. Mas o que não disse é que mesmo arrependida tinha medo de voltar a agir daquele jeito.

– O problema é que, mesmo arrependida, eu tenho medo de voltar a agir daquele jeito — agora disse.

Falando com um bêbado de quinta série. Que ao menos seja um daqueles que esquecem no dia seguinte.

– Quem é você? A arrependida ou a que volta a agredir?

– Sempre fui boa filha.

– Qual o problema de ser você? Você é boa pra quem? Pra você é que não.

– A maldade faz os outros sofrerem e eu também soffro.

– Você sentiu prazer no safanão e no grito. Na hora sentiu. Descarga de energia, como orgasmo. Só soffreu e se arrependeu depois, pelos outros, é por causa deles que você soffre. Aceitar a maldade, que nem maldade é, já elimina um dos sofrimentos aí. Pensa a birra de uma criança, ela esperneia porque quer alguma coisa. Se não soffrer depois tanta pressão pra ser boa, terá trinta anos com a mesma impulsividade, lutando com todas as formas e forças pra conseguir o que quer, sem freio. Freio faz soffrer. Fazer o que quer: isso inclui no teu caso até matar a mãe e trepar com o pai (*arrepio de vértebras*). Sem culpa, sem sofrimento.

– Esse monstro que você pinta encontraria outros seres querendo satisfazer as vontades também. Só vejo guerra e pancadaria.

– E quem venceria? O mais forte,

o mais apto, o mais merecedor. A negociação só gera frustrados que precisam ser bonzinhos e abafar desejos reais, e isso só faz o impulso, que é sempre verdadeiro, ser esquecido ou, pior, virar desespero, desespero que a gente nem desconfia de onde vem. Pra evitar que todos fiquem doentes, os mais fortes devem eliminar os mais fracos. Os fracos não estariam aí pra soffrer, os fortes seriam e estariam satisfeitos.

– Então você defende o ladrão que roubou e bateu na minha mãe?

– Ele logo encontra um mais forte, leva tiro na cara e deu. Se achar cruel, juro, é só matar rápido, o morto nem vê nem sente nem soffre. Se não matar é pior, se proliferam, a natureza se corrompe, bem desse jeito como já está corrompida. Como mudar o mundo fazendo as mesmas coisas? Seja a mudança que você quer pro mundo.

– Tem gente fraca que é inteligente.

– Os verdadeiramente inteligentes vão buscar ser fortes e se armar. Inteligência é parada muito vaga, a força não, dá pra medir. Precisamos critério. Acha a diversidade linda? Vêm os caras e pregam satanismo, comunismo, aí só a gente é que tem que deixar? Eles destroem tudo, o certo, o claro, claro. Os animais destroem os mais fracos que ameaçam ameaçá-los. Devoram para continuarem fortes. Sinal maior da vontade do Criador, precisa?

– Se satanistas e comunistas forem mais fortes, azar teu, segundo a teoria tua? (*teoria, téos, telos, Teló, que ai, se eu te pego, ai*).

– Aí é que é, é preciso ser mais forte que eles. Se a gente não elimina, como vai ser o futuro? É de eliminação de pragas que eu falo. Você pode achar desumano eliminar, estar ali matando com as próprias mãos, mas alguém precisa fazer isso pra que um futuro só de satisfeitos exista, isso é o humano, nada de desumano. Desumano é rótulo que te colam escondendo e apagando tuas vontades reais. Eliminar é palavra linda. Eliminar é vida, vida de verdade. Eliminar é recortar limite e limar, deixar a superfície lisa.

– Você fala em morte e valoriza a vida.

– Morte e vida, cara e coroa, uma moeda só. Valorizo a minha vida. Preciso me amar. Valorizam o altruísmo e condenam o egoísmo, tudo para o outro, nada para o eu. Quem pode ser feliz assim? É eliminar as pestes. Cada um que fique com seu paraíso.

– Um paraíso aqui e outro depois da morte?

– Se acreditarem que existe paraíso depois da morte, perdem o medo de morrer. Facilita as coisas. Homens-bomba morrem felizes, que legal morrer cheio de esperança! Um monte de mulher esperando.

– Eu, tipo, não gosto de mulher.

A mãe toda religiosa, só falava em quando descansar.

– Então se alguma cruzar teu caminho, já sabe.

– Eu quis dizer que não gosto sexualmente de mulher.

Ele, com espírito lógico-subjetivo, científico-personalizado, deduziu: não gosta sexualmente de mulher, então gosta sexualmente dele.

Daí ele diz que era um cara sem rumo na vida que agora se encontrou.

– Eu uma mulher encontrada na vida que agora se perdeu.

Ela teve a lembrança que costuma ser comemoração: lembrou rápido da infância, padre, professor, pai sempre dizendo o que ela devia fazer (*abre mais, abre mais tô dizendo*). Agora que tinha as rédeas na mão: égua xucra que se escoiceava toda.

Ele nunca tinha colocado em palavras de voz alta o que dizia agora, como as coisas se encaixavam, irrefutáveis, uma verdade ganhando V maiúsculo, fio de raciocínio tecendo trama lisa, sem rasgos. Ah, haha, ahá.

– Você não tem rédea nenhuma na mão, a rédea está com as vozes de fora que entraram na tua cabeça (*e as coisas que entraram no meu corpo?*). O mal deveria ser banal. Ou mudar de nome. Da aura de coisa ruim é difícil desgrudar. Eu me libertei. Mal e morte, modos de preservar a vida de quem merece mais, o resto é fumaça. Pra existir humanidade precisa morrer o humano.

– Você me deve uma boneca e um esquilo da Mongólia.

Deter memória é forma de poder.

Alguma porta de quarto escuro se abriu e se projetou de lá a boneca esquadrejada e Bolinho, morto depois de ter três bombinhas enfiadas uma em cada orelha, a outra no rabo. Junto do bichinho e da boneca, um desenho de figura meio humana, meio animal, sem rosto, pernas e pés-patas descolados do corpo. Quando voltou à tona, só disse:

– Você está sugerindo que eu devia fazer o quê com minha mãe?

Ele se debruçou na direção dela mais do que a curva fechada lá fora exigiria.

– Se render uma herança e ela não sofrer, quem sai perdendo? Só se tuas capas de culpa continuarem te prendendo com as vozes de dentro da tua cabeça que entraram e você deixou, todos deixam, somos pequenos demais no começo de tudo. Hora do exorcismo, arranca isso. A culpa é a pior das punições, voz dos outros que te culpam, ocultaram, ocuparam. Tenho vozes aqui, ouve?, estão hoje bem domesticadas, às tuas ordens, elas me dizem.

O hálito quente dele chegava pelo calor na bochecha, ela trancava a respiração.

– Por acaso você fica chocada que a Guerra de Troia matou muita gente? Não. Que as Cruzadas mataram? Não. Tua mãe só é uma pessoa, você fica abalada porque ela é próxima, mas isso não tem nada a ver. Meu dedo, olha aqui, visto assim de perto, parece maior do que as árvores lá fora, mas é menor. Bem menor. Força e coragem de se desvencilhar, só isso pra deixar de ser encilhada pela égua xucra que domina e escoiceia. Se se deixar domar, será uma fraca (*faca, na garganta*) e os fracos, já viu. Nada do que digo tira a nossa humanidade. Ao contrário, alforria o humano verdadeiro. Vê como sou humano: quer poesia, eu faço: “quero ser como os pássaros / livre / para cagar nas cabeças / dessas batatas / que se esparramam pelo chão”.

Só barulho de pneus e motor. O resto virou silêncio. A frequência dos olhos dela piscando é que foi maior, mas estava no escuro, ninguém — ninguém — percebeu. Ele não a olhava mais, curti gozo dentro de si, pela primeira vez ele próprio, olhos curtos que não chegavam ao nariz. A

voz saiu do vazio para o vazio, em tom de prece vagarosa.

– O primado da força e o ocaso da lei, da lei legal, a dos olhos vistos, a que os olhos leem, mas principalmente da lei talhada dentro, que não precisa mais de enunciação ou escritura, que saltou do mundo de fora pra ser gravada no interior. A obrigação de amar tem nos levado aonde?

Que inti midar ajudava, mas não resolvia.

No escuro, o ônibus chacoalhando, a voz não saía de uma boca precisa, sacolejava junto, deslocava-se descolando-se de todas as bocas para todos os ouvidos, uma sociedade de fortes e mercedores ecoava e escrevia

legenda para a imagem além da tela da janela, agora iluminada por luzes de cidade lá fora, pedintes de corpos rasgados costurados por cobertores, essa gente agarrada à vida como o cão a um osso seco. Ela iluminada e escurecida, os intervalos entre um poste e outro a anoitecer a sua noite para de novo picos de luz abrirem seus buraquinhos na escuridão. A luz sempre a empurrar a sombra para trás das hastes e das hostes que a enfrentam.

Preferia não fazer.

Preferiria não fazer, ela pensou.

– Prefiro não fazer, ela disse.

Ele não entendeu. Também sequer ouviu. Talvez nem estivesse ali.



QUER CONHECER UM POUCO DA LITERATURA PRODUZIDA NO NORTE DO BRASIL?

A LIVRARIA PARÁ.GRAFO É ESPECIALIZADA EM ESCRITORES E ESCRITORAS PARAENSES.

[WWW.E-PARAGRAFO.COM.BR](http://www.e-paragrafo.com.br)

CURSOS LIVRES & AULAS

EM MARÇO NA ORIBÉ

Uma história das relações entre palavra e imagem
Léo Tavares

Publique-se! Caminhos da publicação independente
Maira Valério

História da Arte - Arte Contemporânea
Mayã Fernandes e Ana Carolina Lima

Pós-produção fotográfica com Adobe Lightroom
Paula Cavalcante

www.oribeeditorial.com

Sabrina Dalbello

Poemas integrantes de Rasga-ossos, Penalux, 2020

I – nascimento

correção do arco-íris
 invasão de luz pelos olhos cerrados
 lágrimas correspondidas
 de um amor nem sempre trocado
 necessidade doída de ver
 de corresponder aos sonhos
 o mundo puxando a fórceps
 engolindo para fora

os ossos nascem quando os olhos se abrem

II – união

brincadeira com a sorte
 felicidade até data marcada
 não agendada
 alma refém de impulsos nervosos
 à procura de lugares
 nas badaladas de uma aposta
 quando ponteiros desacertados
 atrasam o suficiente
 até o brinde ou o socorro

ossos se fragilizam com o empréstimo do coração

III – caminho

esqui em ponta de paralelepípedo
 hibernar no sofá também é caminho
 convite solitário para festas cheias
 viagens de idas
 algumas rotas sem volta
 espinhos de buquês emprestados
 embaixo da fantasia de aniversário
 uma projeção da verdade

ossos atingem o tamanho do caminho escolhido





IV – sentido

questionamento dos vínculos
 das fórmulas perfeitas e indecentes
 desconfiança dos palpites:
 Deus joga dados com o Universo?
 é para frente que se anda?
 fome disfarça apetite?
 quem é afinal Hosana?
 o que acontece com o silêncio
 se a música não pode parar?

ossos se contorcem a cada dúvida dos músculos

V – envelhecimento

embate contra torcida organizada
 ponto para o time de infortúnios
 descanso na margem do rio
 até a brisa virar ressaca
 adaptação não testada
 reconhecimento dos próprios vícios
 escolha de representante em eleição
 inventada
 pergunta seca e resposta molhada
 pele-crisântemo de raiz arrancada
 corpo-mala-de-viagem despetalada

ossos têm sardas e ficam grisalhos, tudo bem

VI – morte

poeira nos olhos
 do nascer do sol ao poente
 madeira rangendo com o passo errado
 pedra cozida na pressão que continua crua
 resvalada com precisão
 ceder ao copo vazio
 até fechar os olhos diante dos vultos
 dos sonhos sonhados

viver requer ossos fortes até a morte



— 5 DE MAIO, 6H - QUANDO DER NA TELHA —

2021



APAREFRITA

EMBARQUE

TERMINAL RODOVIÁRIO DE CURITIBA, DEPOIS DO JOGO DO PARANÁ, PARA EVITAR AGLOMERAÇÃO. A AGÊNCIA BUSLOOP ESTÁ SEGUINDO TODOS OS PROTOCOLOS SANITÁRIOS RECOMENDADOS PELO MINISTÉRIO DA SAÚDE E NÃO PERMITIRÁ O EMBARQUE DE PESSOAS PRÓXIMAS DA OVERDOSE, INDIVÍDUOS EMBRIAGADOS SEM CORDINHA NOS ÓCULOS E/OU GENTE VACINADA MUITO METIDA.

FORMAS DE PAGAMENTO

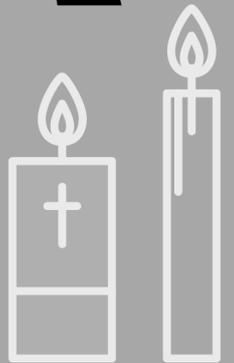
PIX, CARTÃO DE CRÉDITO, CARTÃO DE DÉBITO, COCAÍNA NO CARTÃO, CODEÍNA, TUBAÍNA COM RED LABEL, CODEX IURIS CANONICI, DOR-ITOS.

PACOTE INCLUI

- MAIS DE 715 HORAS DE VIAGEM SEM SAIR DO BUSLOOP.
- ENERGÉTICO, BALAS SORTIDAS, 4 DJS (CADA UM TOCARÁ 178 HORAS).
- ÁGUA FRESCA BENTO (PATROCINADOR) E OUTROS TIPOS DE ÁGUA DE BEBER, CAMARÁ.
- 1 GNOMO DE RAVE POR PESSOA.
- BANHEIRO-PASS PARA 1 DESCONHECIDO.
- 10 GRAMAS DE MD (MEU DEUS).
- 1 UTI TRANCE MÓVEL.
- 2 GUARDA-SOL, GUARDAS-SOIS, GUARDASOLS SEI LÁ IRMÃO OUVE ESSA TRACK SINISTRA.
- LOTAÇÃO DE 104%.

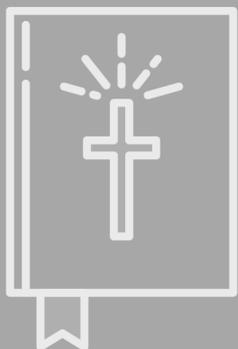
PROIBIDO

- ESCONDER "SALMOS" NO TÊNIS.
- JOGAR LOLLOL.
- CALOTEIROS DO TRANCE.
- PASSAR CEROL NA MÃO.
- PIADAS COM JACARÉ.
- TOCAR "MICHAEEEEEL DOUGLAS!".
- ABRIR OS GUARDA-SÓIS DENTRO DO BUSÃO SENÃO FODEU.
- DORMIR.

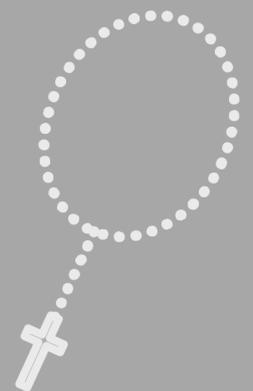


SOBRE O BUSLOOP

FAMÍLIA, SILÊNCIO, PAZ E HARMONIA COM A NATUREZA: NADA DISSO FAZ O MENOR SENTIDO PARA O BUSLOOP, QUE SE PROJETA PARA O DESGRAÇAMENTO MENTAL MAIS VIOLENTO DA SOCIEDADE DESDE AS CRUZADAS. VISANDO À COMPLETA DETERIORIZAÇÃO DO CORPO, DA CABEÇA E DA ALMA, A EXCURSÃO PROMETE UMA VIAGEM SÓ DE IDA PARA OS PESADELOS INDIVIDUAIS COM OS MELHORES BEATS E SYNTHS E DROPS DE QUALQUER IMAGINAÇÃO IMPULSIONADA POR ENTEÓGENOS.



TERMINAL RODOVIÁRIO DE CURITIBA
AGÊNCIA BUS LOOP





APAREFRITA

LINE-UP:

A PARTIR DE 5 DE MAIO

6H-18H: SET COM DJ C_D_SKY, O MAIOR DJ DE EUTANÁSIA DO MUNDO, TOCANDO ESPECIALMENTE O MELHOR DAS MÚSICAS DA JOVEM PAN NO FIM DE TARDE DO PIOR MOMENTO DO CONGESTIONAMENTO DA REGIÃO CENTRAL DA SUA CIDADE.

18H30: DESJEJUM COM GIN TÔNICA, FRUTAS E ALGUNS DOCES E PETISCOS, COMO BEXIGA, SALAME, FAROFA E RAIO.

29H-41H: BOLERO ROOM COM DJ CARLOS GARDENAL COMANDANDO UM FREESTYLE DE 11 HORAS DO PADRE MC RHUAN.

41H30: ALMOÇO OU LARICA OU RANGO, COMO PREFERIR.

49H-57H: DJ ROMENO KRIAN SANOKOLO COM O SET "PACÍFICO É O OCEANO, EU NÃO SOU NÓIA, EU SOU JOIA DE DEUS TODO PODEROSO".

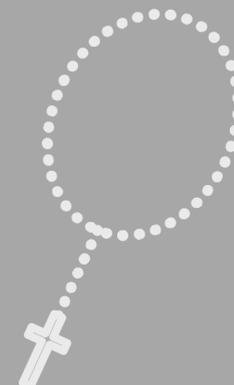
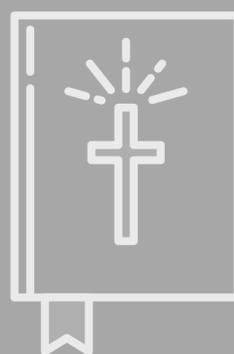
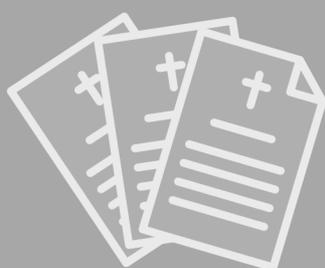
57H-80H: MISSA COM O IMPORTANTE MOMENTO DE REFLEXÃO SOBRE OS PÉSSIMOS HÁBITOS DOS JOVENS, COM DESTAQUE PARA O TEMA "CHEIRANDO EM FAMÍLIA: PRECISA?" E UM TUTORIAL DE SEGURANÇA "XÔ, BAD TRIP", ALÉM DE UMA VERSÃO TECHNO DO DOCUMENTÁRIO "COM PROTEÇÃO, FESTIVAL É SIM LUGAR DE CRIANÇAS" E UM MINUTO DE SILÊNCIO PELA MORTE DO DAFT PUNK.

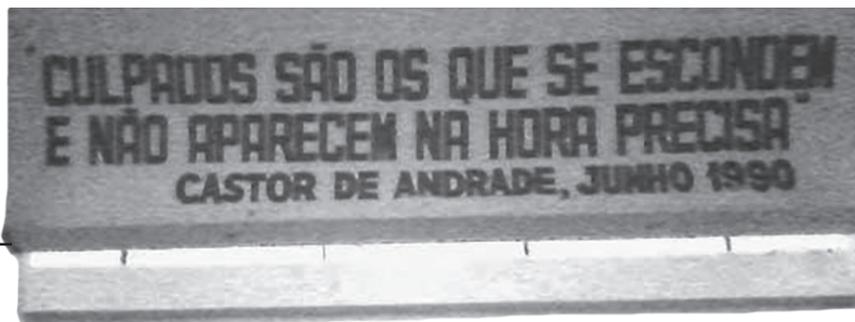
80H: JANTAR DE MACARRONADA COM COGUMELOS SERVIDA NO ZIPLOC. DE SOBREMESA, PEIXES QUE JÁ SAÍRAM FRITOS DA REPRESA DO PASSAÚNA.

91H30: JATO COLETIVO DE ÁGUA BENTA E DEPOIMENTO DA GUIA ANINHA TRACK27: "AO ENTRAR NA CIDADE MENTAL DE APAREFRITA, A GENTE SE CONHECE MELHOR. FAZENDO ISSO, TAMBÉM SE ODEIA MAIS. ENTÃO DANÇA PARA ALIVIAR. E FUNCIONA".

99H: INÍCIO DO SET DO DJ JESUS LUZ DIVULGANDO O EP "CHEIRANDO O PODER DE DEUS".

100H EM DIANTE: NINGUÉM RESPONDE MAIS POR SI.





Don Castor

Quem pensa que o Brasil se resume a futebol, carnaval e corrupção, deveria conhecer a história de Castor de Andrade, um homem que dedicou sua vida, lutou e venceu nestes três campos.

Castor de Andrade foi o bicheiro mais conhecido do Brasil. Costuma-se apontá-lo como o MAIOR e MAIS PODEROSO bicheiro do país, mas a falta de um prêmio oficial da categoria ou mesmo de uma revista especializada me faz preferir o critério de popularidade. Nasceu em 1926 no Rio de Janeiro, já filho e neto de contraventores ligados ao jogo do bicho. Tudo teria começado com a sua avó materna Eurídice que, após ter ficado viúva, teve a ideia de começar o seu próprio jogo do bicho na sua residência – uma casinha de sapê localizada na Rua Fonseca, no bairro do Bangu.

Seu pai pertencia a uma família que, a princípio, não tinha ligação alguma com os jogos de azar. Por influência da família da mãe, contudo, acabou entrando no negócio da contravenção. Seu Zizinho fez fortuna com o jogo do bicho, proporcionando uma infância regrada ao menino Castor, que mais tarde não apenas herdaria o negócio todo, como também multiplicaria por muito o faturamento.

Castor de Andrade foi um bicheiro amado e respeitado porque usou o dinheiro do bicho para dar alegria ao povo nas duas coisas que mais lhe interessam: futebol e carnaval. É também uma grande ingenuidade achar que Castor de Andrade usou

o dinheiro do bicho para de fato dar alegria ao povo nas duas coisas que mais lhe interessam, quando na verdade carnaval e futebol são caminhos bastante conhecidos (e eficientes) para se lavar dinheiro. Mas ele deu.

No futebol, perseverou à frente do Bangu. Um clube tão modesto que, quando incrivelmente chegou à final do Campeonato Brasileiro de 1985, não despertou raiva dos rivais cariocas, mas simpatia. A final foi no Estádio do Maracanã, com mais de 100 mil espectadores – a maioria torcedores de outras equipes cariocas – apoiando o Bangu. A equipe acabou derrotada nos pênaltis para o Coritiba, um time que jamais havia ganhado um Brasileiro, nunca venceu de novo e provavelmente nunca mais vai ganhar.

Castor de Andrade foi presidente de honra do Bangu e maior financiador do time exatamente nessa época. Foi muito querido pela torcida, que não se importava nem um pouco com algumas histórias estranhas que aconteceram na Era Castor, como a de um torcedor misterioso que faleceu e deixou uma herança de aproximadamente 500 bilhões de cruzeiros para o clube carioca. O adepto era professor de matemática, solteiro e a sua suposta fortuna era desconhecida mesmo pelos mais

chegados. Ele sequer era sócio do Bangu.

No Carnaval carioca, teve ainda mais reconhecimento. Foi pentacampeão patrocinando a escola Unidos de Padre Miguel (sempre-10-na-bateria-saudoso-mestre-andré-sempre-soube-o-que-queria) entre os anos 1970 e 1980.

Castor de Andrade acabou falecendo vítima de um infarto fulminante em 1997, quando descumpria, como de costume, a ordem de prisão domiciliar. Ele havia sido preso em 1994, utilizando bigode falso e cabelos pintados, enquanto visitava o Salão do Automóvel em São Paulo. “Foi aquela vaidade de ver o Jaguar, o Rolls-Royce, a Lotus”, teria lamentado.

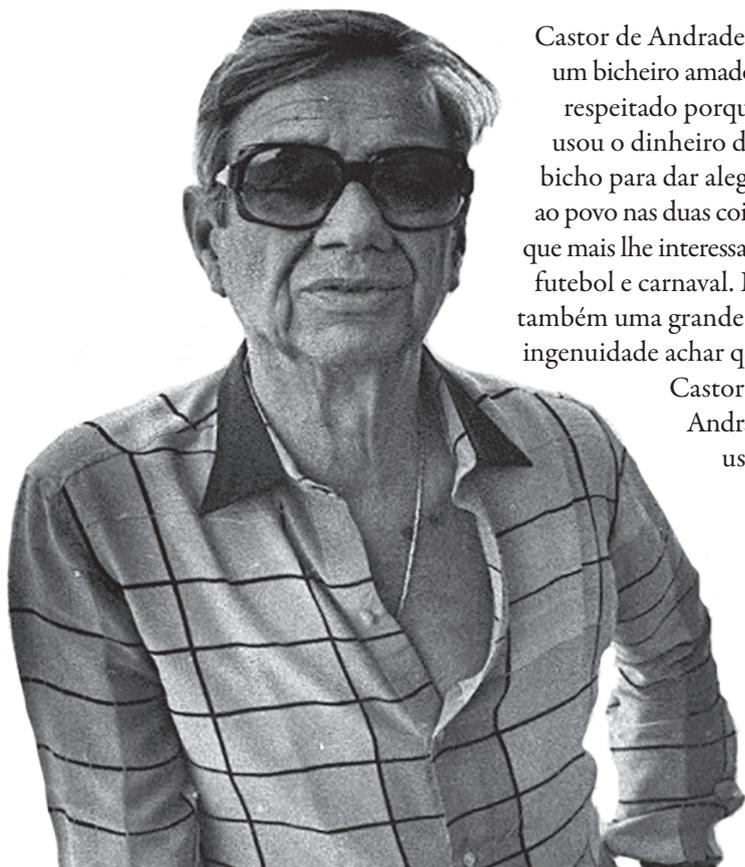
Após a morte de Castor de Andrade, o império do jogo do bicho aos poucos ruiu: o bicheiro exercia muita influência sobre policiais e políticos da época, além de “apagar” outros bicheiros com muita discrição. Sua morte deu início a uma disputa intensa entre os seus herdeiros. Mais de 50 mortes aconteceram desde então, na briga pelo controle do império do jogo do bicho e das máquinas caça-níquel espalhadas pelo Rio de Janeiro.

de Castor de Andrade

Grandes momentos

- Durante o desfile de 1990, quando abordado por um repórter da Globo curioso pela ausência do bicheiro na avenida em anos anteriores, respondeu na lata, sem a menor cerimônia: “há dois anos que eu não frequento a Passarela do Samba por motivos óbvios. Eu estive em cana”.
- No Carnaval seguinte, durante a comemoração do bicampeonato da Mocidade, respondeu a uma repórter da TV Manchete que, enquanto os outros celebravam, ele estava “preparando a grana pra eles gastarem” no ano seguinte. “Procuro fazer da melhor forma possível porque a minha comunidade merece todo esse sacrifício”.
- Em 1986, comandou um treino do Bangu enquanto o treinador Moisés viajava ao Equador para assistir o Barcelona de Guayaquil, que seria o primeiro adversário na inédita participação do clube na Taça Libertadores da América daquele ano.
- Conforme contou a Jô Soares, um assaltante o ameaçou com um revólver e conseguiu entrar em sua casa. Entraram mais dois: o terceiro do grupo, porém, reconheceu Castor. Todos correram de lá.

[por Matheus Chequim]



Tu Não Prendas o Cabelo

Elton Mesquita

Sempre me incomodou um pouco a impermeabilidade brasileira para com Portugal. Não digo nos centros acadêmicos ou nos círculos privilegiados onde se supõe que o amor à tradição e à História corra junto com o dinheiro, mas sim no âmbito do povo e dessa grande classe mais ou menos média, das pessoas que vivem o dia a dia algo inosso do trabalho e do barzinho e participam ainda que apenas passivamente desse cirquinho pra vender Grendene que já foi nossa vida cultural.

Numa entrevista durante as celebrações dos 500 anos do Descobrimento, o Dr. Francisco Treichler Knopfli, ex-embaixador de Portugal no Brasil, quando perguntado sobre o estado das relações entre Brasil e Portugal, fala sobre “o plano político-institucional”, onde se desenrolam tentativas de aproximação por meio de “semanas de exposições” organizadas por comissões bilaterais, “acordos de fomentação cultural mútua” etc. Isto faz parecer que se trata de um assunto oficial, a ser tratado em termos rígidos, com pauta e carta formal de intenções entre Governos — quando na verdade se trata de assunto pessoal, urgente, que diz respeito à vida comum dos brasileiros.

Me ressinto da ausência de um convívio mais fácil e íntimo com a herança portuguesa, da falta que faz uma presença mais pronunciada de tudo o que é português, para além dos moldes fáceis da piada de estereótipos, no “plano do cidadão cotidiano”, como diz Alberto da Costa Silva, embaixador do Brasil em Portugal no livro *Incertas Relações: Brasil-Portugal no Século XX*, de Benjamin Abdala Junior.

Para me fazer compreender melhor, acho que só preciso mencionar a maneira como podemos sentir a proximidade dos Estados Unidos em nossas obsessões pop, nos assuntos de

que tratamos em nossos momentos mais descontraídos. A incongruência salta à vista: o pessoal acompanha as séries de lá, sabe das fofocas do showbiz e dos desenvolvimentos políticos, o jornal dá a notícia do incendiozinho e tudo o mais — uma proximidade que se sente cada vez mais imediata, acentuada pela internet.

A tendência é que a barreira entre as eleições afetivas culturais — que antes seria um pouco mais influenciada pela geografia — fique ainda mais tênue e imprevisível: mais e mais guris brasileiros com talento pra desenho têm o traço aliciado pelo estilo do mangá, já há todo um público nacional para filmes coreanos ultraviolentos, o tumblr das moças está cheio de fotos em preto e branco de e musas da nouvelle vague — e no entanto, cadê Portugal? Se você arremessar uma pedra na rua, não vai conseguir acertar alguém que não saiba quem é Jerry Seinfeld. Quantos sabem quem é Ricardo Araújo Pereira?

Claro que se pode dizer que a proeminência dos EUA é apenas natural, uma vez que a internet veio deles com todo um agregado de símbolos e valores aos quais tivemos que nos acostumar, para bem a utilizarmos. É um argumento sensato, mas que não se aplica aqui. O ensaio não é sobre por que os EUA têm presença que têm, e sim porque Portugal não tem presença nenhuma. Igualmente, considerações sobre a diluição da influência portuguesa decorrente da afluência de europeus e orientais são apreciadas, mas não têm muita utilidade. Não quero saber dos outros: digo de Portugal e Portugal somente. Todo o arrazoado de base econômica fica deslocado aqui, pois, para mim, este problema, antes de mais nada, é um assunto de família (um tema por si só irredutivelmente português). Considerando que se

tratam de países com produções culturais que compartilham apenas o mesmo idioma, não deve ser difícil entender por que me entristeço, me exaspero — e me preocupo.

Entristeço-me por notar que se trata de uma ignorância voluntária que parece não ter contrapartida do lado português. Me parece que os gajos lá conhecem nossas gírias parvas e as modas mais ridículas via telenovelas e banducas (bandecas, bandicas) de música débil. De uma forma ou de outra — pelas novelas, música ruim ou prostitutas nordestinas —, a impressão que tenho é que Portugal ainda parece ter de alguma forma o Brasil na periferia de suas atenções. É resultado decerto da profunda impressão psíquica que a aventura ultramarina deixou no povo português. Uma ligação que eu não estranharia ver confirmada no que diz respeito a cada pedaço de terra onde afinal houve sangue luso, derramado e investido — onde tenha ocorrido a aventura, compartilhada por um povo, de conquista, expansão e riqueza.

“O Brasil é a minha reconciliação com Portugal da qual não prescindo. [...] a conclusão de que, no meio do chuvisco cobarde do frio português, a descoberta do Brasil foi o nosso maior feito”.

— Clara Ferreira Alves, na coluna semanal no *Expresso*.

Mas não há uma correspondência desse tipo em sentido contrário. Não estou dizendo que em Portugal está havendo uma Renascença geral nem nada, também não é o caso de voltarem a exhibir *Morangos com Açúcar* aqui (se você não sabe o que é, não se dê ao trabalho). Mas o fato é que, se se tratasse de uma Renascença, provavelmente a perderíamos, já que muito claramente não estamos olhando para aquela direção com a

atenção devida. Imagino que meu ponto ainda pareça obscuro ou despropositado, então tentemos dessa forma:

Em *A Ilustre Casa de Ramires*, o último romance de Eça de Queirós, somos apresentados ao protagonista Gonçalo Mendes Ramires, um aristocrata de família quase milenar, “mais antiga que os Reis de Portugal”, que no século 19 se encontra reduzida a mera sombra do seu fulgor medieval. Ele vive de renda entre criados que o cercam de mimos sufocantes, num ambiente modorrento, de horizontes exíguos. Perto de completar 30 anos, Gonçalo se sente esmagado entre a perspectiva de uma vida não-realizada e sua ambição desmedida e sonhadora, entre a grandeza heróica de seus antepassados e as afrontas de um valentão grosseiro que o insulta dentro de suas próprias terras. Não é preciso avançar muito no livro para perceber que Gonçalo resume em si as qualidades e defeitos de Portugal — que ele é Portugal, ainda mordido pelo Ultimato de 1890, insatisfeito consigo próprio e um tanto sem rumo, se apercebendo talvez tarde demais das dificuldades que o novo mundo apresentava em seu caminho; esmagado por séculos de realizações que principiavam a já não valer nada, ou muito pouco, e assistindo impotente ao esvaimento dos seus melhores anos.

Eu, que não consigo olhar para trás na minha família mais que duas gerações, e que me vejo um tanto como erva daninha (planta de raízes curtas, dada a brotar não em jardins bem cuidados, mas entre as rachaduras do concreto, em pouco espaço negociável, e um tanto à revelia), só poderia mesmo achar fascinante a imagem dos ramos familiares de uma árvore genealógica espalhando-se séculos para trás no tempo. Nisto eu talvez reflita meu próprio país, também

ele de raízes ainda curtas, nascido ao acaso, de desenvolvimento instável, feito às arrancadas inconstantes e privado de certas regalias que, para outras nações, são tomadas como certas. A ausência do passado (passado que, para Gonçalo Mendes Ramiro, parecia opressivo, sufocante), para mim é uma experiência vertiginosa, como existir solto no ar, à mercê dos ventos. Suponho que, para uma erva daninha solta no mundo, deva ser um pouco mais pronunciada a constatação — sem dúvida compartilhada pela espécie —, de sermos penetrar em uma festa pela vida afora, nunca se esquecendo de todo do momento em que seremos finalmente descobertos e expulsos. Um desarraizamento que sem dúvida tem suas vantagens, mas não deixa de ter seu quinhão de momentos melancólicos.

Em um texto mais antigo eu escrevi que o romance de gênio é necessariamente desagregador, e o escritor, um estrangeiro. Isto acrescenta mais uma camada de estranhamento às minhas relações com o lugar e tempo em que estou. Há também o fato de que escritores são no mais das vezes gente que apenas observa e comenta (em que pese haver um grande número de escritores que foram também revolucionários ou homens de ação), a partir do ponto de vista privilegiado que só a distância dos acontecimentos permite. Pois a História é feita pelos outros, “o pessoal que trabalha”, como disse certo roqueiro. É pelas gerações familiares cujas vidas entrecruzadas formam a identidade e a memória do país (talvez, se eu chegasse perto o suficiente dessa malha, se pudesse penetrá-la, fosse achá-la no final sórdida, mesquinha ou banal. Mas vejo-a de longe no tempo, em documentos e fotos, e minha imaginação trabalha sobre esses testemunhos silenciosos, recriando um panorama geral de trabalho nobre e luta apaixonada).

“Bem”, alguém pode dizer, “você pode olhar 500 anos para trás, no Brasil. Não há de ser pouca coisa”. Não é despreciando, é fato, mas também não é o bastante. Somos ainda verdes, e nos encontramos na desagradável situação de já termos mesmo esquecido que algo muito importante nos tem faltado. Grande parte das manifestações religiosas entre os letrados já não passa de acessório

de moda, por exemplo. Nos faltam lastros, como o antigo lastro grego. Somos todos um tanto Homeros; podemos dizer, como ele, do período épico em que a humanidade forjava sua consciência em noites iluminadas apenas pelo fogo: “*não vimos os fatos, sabemos apenas de ouvir falar*”.

(...) *Mas o que a elles não toca é a Magia que evoca o Longe e faz d'elle história.*

(...) “*Mensagem*”, de Fernando Pessoa — *Segunda Parte: Mar Portuguez — Os Colombos*

Podemos olhar para trás e veremos jesuítas, bandeirantes, corsários franceses... mas não veremos o limiar em que a História roça ombros com o Mito (Mommsen disse de Viriato: “*Era como se um dos heróis homéricos houvesse reaparecido*”). O Mito, estrutura primeva ainda indissociada da linguagem, é estrutura basilar na criação da realidade: O resultado é que, por falta dele (e acredito que o roçar de mangas mais breve seria o suficiente), vemos as coisas ligeiramente desfocadas, “como por um espelho escuro”. Para qualquer um que se debata com o problema de manter viva uma brasa que é já quase cinza, vinda de muito longe no tempo, trocada por incontáveis mãos, é evidente o fascínio que têm as épocas em que tal brasa era chama nova — quando um filho de Baco podia ainda fundar uma cidade, quando o mundo era novo e ainda havia mapas a completar. E, de fato, bem poucas nações podem se gabar de ter completado tantos mapas quanto Portugal.

É por isso que não posso deixar de me empolgar por cada oportunidade de contato com civilizações antigas, que já estavam atarefadas com os problemas do mundo quando o Brasil nem sequer engatinhava. Com gente que podia olhar para trás e encontrar gerações de mortos familiares pavimentando o caminho para um passado comum; que, quando vivos, ajudando-se mutuamente ou competindo, contribuíram de alguma forma para a continuidade de família e nação.

Como acontece entre Gonçalo Ramires e Portugal — e como já comentei acima — sinto que há uma correspondência entre o Brasil e certo

tipo de brasileiro, uma continuação em escala menor do destino do país no destino do indivíduo. Na Wikipedia, o pequeno texto introdutório sobre a economia nacional começa com uma não desprezível lista de fatores positivos que constituiriam, para qualquer país de ambições medianas — i.é. apenas ficar por ali de boa, sem maiores intenções megalômanas — um bilhete premiado. Imensa extensão territorial, clima ameno, riqueza em matérias-primas, terras férteis etc. Em números, em puros dados estatísticos sobre potencial, um analista de fora concluiria tratar-se mesmo de um pedaço de terra afortunado. E no entanto topamos com uma cláusula pétrea no meio do caminho: “*Apesar de conquistas econômicas, muitas questões sociais ainda impedem o desenvolvimento.*”

A fórmula sociológica clássica equipara o Brasil a Portugal enquanto possuidores do mesmo aleijão na forma de se posicionar diante do tempo: Portugal, voltado para um passado que não retornará; o Brasil, para um futuro que não chega. Ambos à margem do tempo presente etc. e coisa e tal. Esta é apenas uma das afinidades que aproximam os dois países.

Acredito que haveria supremo benefício numa reaproximação — não apenas acadêmica ou política, mas sentimental, familiar. Um lado poderia ajudar o outro a compensar determinadas deficiências de perspectiva, pequenas deformações do hábito que a proximidade não nos permite notar. Não podemos, sendo tão pobres, nos dar ao luxo de desperdiçar o tesouro dessa pequena Roma, nem que sejam apenas as gemas linguísticas — e este está longe de ser o único motivo.

Eça de Queirós, no conto “Adão e Eva no Paraíso”, se refere a Portugal como um velhinho cansado de aventuras e contente em apenas lembrar seus dias de glória ao pé do fogo (“*nossa Lisboa aquece a sua velhice ao soalheiro, cansada de proezas e mares*”). O mundo foi repartido e Portugal, por miríades de motivos que não cabem analisar aqui, perdeu seus bocados amealhados à custa de vida e tragédia humana.

O que parece faltar a este quadro com lareira e ancião aventureiro? Ora, a criança que lhe escute os relatos de proezas fantásticas; que aprenda

as lições da experiência acumulada; que por fim tome para si a tarefa de carregar o fogo do entusiasmo ancestral ao descobrir os tesouros escondidos na velha casa da família, a herança de um povo que, como um rio profundo que não se altera, soube receber tributários que o enriquecessem, tornassem a sua um pouco a história de todos os que entraram em contato com ele. Meus amigos, trata-se de gente que tem estado por aí desde o paleolítico; gente tão sem noção que foi lá no Japão mostrar arma de fogo a japonês.

Stefan Zweig, Gilberto Freyre, Vilém Flusser e outros tolinhos julgaram notar, na digamos “experiência brasileira”, qualquer coisa de nova e excitante no cenário mundial, uma nova espécie de híbrido enxertado dotado de características incendiárias de mobilização e força — desde que devidamente excitadas —, de tenacidade aliada a uma feroz capacidade de adaptação, resistência passiva e resiliência. Presentes apenas à primeira vista antagônicos, mas na verdade *complementares*, agregados das tantas raças — dominadoras e dominadas — que foram a têmpera da lâmina lusa.

Não vejo porque não dar a estes senhores algum crédito. Já há muito, em cada momento acordado, não posso ignorar a percepção contínua de uma grande reserva dormente de força próxima, a suspeita de que em algum canto desta casa há um tesouro escondido. Isto me parece um assunto prioritário, no sentido de que a paciência das gentes uma hora se esgota. Potencial não realizado talha, azeda e envenena seu recipiente.

E este pode bem vir a ser o remédio amargo e necessário para produzir a faísca de ação num espírito — o luso — não primeiramente levado pela cobiça, mas pelo medo de deitar fora, de desperdiçar, enfim de perder um recurso precioso, dom divino e por isso cercado de responsabilidades. É o medo do retorno do senhor severo de Mateus 25, 14:30, que move este tipo de pessoa. Este é o veneno que também podem curar: A medicina oriental, particularmente a chinesa, enfatiza uma maneira de encarar o corpo que é mais síntese imaginativa — pressionar certos pontos do pé para atingir resultados em órgãos específicos

— que fria análise ocidental — literalizada por exemplo nas fatias de uma tomografia computadorizada. O corpo é visto como um sistema simbólico, sempre em fluxo; delicado, em perpétuo equilíbrio — o que quer dizer, em perpétua crise. Onde uma gota de veneno pode ser justamente o reagente necessário para fazer o corpo disparar em direção ao pólo da saúde. No entanto, há que se agir rápido, pois o veneno se acumula, torna-se demais, e acaba por matar o paciente.

“El pueblo portugués tiene, como el gallego, fama de ser un pueblo sofrido y resignado, que lo aguanta todo sin protestar más que pasivamente. Y, sin embargo, con pueblos tales hay que andarse con cuidado. La ira más terrible es la de los mansos.” Miguel de Unamuno (comentando o regicídio), Por *Tierras de Portugal y de España*

Os Gonçalo Ramires do mundo uma hora estouram. No final do livro, o valentão que humilhava Gonçalo apanha na cara, muito, mas muito, de um chicote de cavalo-marinho que era de um antepassado de Gonçalo. Isto só se dá quando Gonçalo para de súbito com cada mau hábito acumulado em anos de inação: a *convivência*, a *conveniência* e a *contemporização*. Alguma dessas características parece familiar? Pois deveria: O “jeitinho brasileiro” é antes o “jeitinho português”. Esse e outros traços herdamos diretamente de lá; somos o galho enxertado no Novo Mundo de uma matriz com longevidade de sequóia que ficou na Europa. E em nós a matriz sempre viverá, sussurrando em nosso sangue o tema que é seu destino e tradição — o arraigar-se em potência, o nutrir-se à grande.

De alguma forma nos calhou ser a versão mais proeminente do “*homo lusus*”, como caipiras subitamente endinheirados. As dificuldades técnicas e de orçamento nós sabemos driblar com criatividade (desde as botas norte-americanas, grandes demais para pés brasileiros e estofadas com jornal pelos nossos pracinhas na Itália até pesquisas pioneiras em biotecnologia, como o tratamento de queimaduras à base de pele de tilápia, desenvolvido no Ceará). E os pracinhas da FEB são um de muitos exemplos dessa característica nacional. Eles podiam não ser fortes, mas “armaram-se em fortes” quando

o momento assim pediu, e isso é só o que importa. Etc., etc. Só precisamos mesmo de um senso de pertencimento que, ao contrário de tolher-nos o avanço, nos dará a perspectiva (nos *devolverá*, já que ela sempre foi nossa), a mirada privilegiada para sabermos o melhor passo a tomar; para então também metermos a mão firme às discussões do grande lá fora e ao leme da nossa vida.

Seríamos então talvez qualquer coisa de nova, o “*Homo ludens*” de Flusser, capaz de reconhecer e se relacionar com os eventos a partir da perspectiva do jogo. Como o Infante D. Henrique no poema de Pessoa, teremos posse do “*globo mundo*”, não para oprimi-lo, mas para jogar com ele... de repente até um ludopediozinho de lev's, jogo no qual, me parece, brasileiros e portugueses acham certa graça.



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

livraria lume Cultural Livros novos e usados - Magic e Pokémon HQ e Mangá - LP - CD - DVD - Posters

Segunda a Sexta 09h às 18h
Sábado 09h às 13h

@lumelivraria (35) 3622-4144
Lume Livraria (35) 9 9748-8040

Rua Coronel Rennó, 108 - CEP: 37500-015 - Itajubá/MG (Rua da Igreja Matriz)

**LEIA UM TEXTO,
ESCUTE UM PODCAST.**

ALGUMLUCAS.COM

Maria Zambrano

Trecho de Filosofia e Poesia, Editora Moinhos, 2021
Tradução de Fernando Miranda

Pensamento e poesia

Apesar de que em alguns mortais afortunados, poesia e pensamento tenham podido aparecer ao mesmo tempo e paralelamente, apesar de que em outros ainda mais afortunados, poesia e pensamento tenham podido ocorrer em uma única forma expressiva, a verdade é que ao longo da nossa cultura, pensamento e poesia se enfrentam com toda gravidade. Cada um deles quer eternamente para si acolher a alma. E seu duplo puxão pode ser a causa de algumas vocações malsucedidas e de muita angústia sem fim, inundadas de esterilidade.

Porém, há outro motivo mais decisivo que não podemos abandonar e é que hoje poesia e pensamento nos aparecem como duas formas insuficientes; e nos surgem duas metades do homem: o filósofo e o poeta. Não se encontra o homem completo na filosofia; não se encontra a totalidade do humano na poesia. Na poesia encontramos diretamente o homem concreto, individual. Na filosofia, o homem em sua história universal, em seu querer ser. A poesia é encontro, dom, achado pela graça. A filosofia busca, é requerimento guiado por um método.

É em Platão onde encontramos a luta com todo o seu vigor entre as duas formas da palavra, com a resolução triunfal para o logos do pensamento filosófico, decidindo o que poderíamos chamar “a condenação da poesia”; inaugurando o mundo do Ocidente, a vida penosa e à margem da lei, da poesia, seu caminhar por estreitas sendas, seu

andar errante e por vezes extraviado, sua loucura crescente, sua maldição. Desde que o pensamento consumou sua “tomada de poder”, a poesia foi viver nos subúrbios, arisca e desterrada, dizendo aos gritos todas as verdades inconvenientes; terrivelmente indiscreta e rebelde. Porque os filósofos ainda não governaram nenhuma república, e a razão estabelecida por eles exerceu um império decisivo no conhecimento, e aquilo que não era radicalmente racional, com curiosas alternativas, ou sofreu sua fascinação ou se alçou em rebeldia.

Não tratamos de fazer aqui a história dessas alternativas, ainda que já seria de grande necessidade, principalmente estudando suas íntimas conexões com o resto dos fenômenos que imprimem caráter a uma época. Antes de tal empresa, vale mais esclarecer o fundo do dramático conflito que motiva tais mudanças; vale mais olhar a luta que existe entre filosofia e poesia e definir um pouco os termos do conflito em que um ser necessitado de ambas se debate. Vale, sim, a pena manifestar a razão da dupla necessidade irrenunciável de poesia e de pensamento e o horizonte que se vislumbra como saída do conflito. Horizonte que ao não ser uma alucinação nascida de uma singular avidez, de um obstinado amor que sonha uma reconciliação para além da disparidade atual, seria simplesmente a entrada em um mundo novo de vida e conhecimento.

“No princípio era o verbo”; o logos, a palavra criadora e ordenadora, que põe em movimento e legisla. Com estas palavras, a mais pura razão cristã

se encadeia com a razão filosófica grega. A vinda à terra de uma criatura que carregava em sua natureza uma contradição extrema, impensável, de ser ao mesmo tempo divino e humano, não deteve com seu divino absurdo o caminho do logos platônico- aristotélico, não rompeu com a força da razão, com sua primazia. Apesar da “loucura da sabedoria” flagelante de São Paulo, a razão como última raiz do universo continuava de pé. No entanto, 15 Poesia e Filosofia uma coisa nova tinha advindo: a razão, o logos era criador, diante do abismo do nada; era a palavra de quem, falando, tudo podia. E o logos ficava situado para além do homem e para além da natureza, para além do ser e do nada. Era o princípio para além de todo o principiado.

Qual raiz pensamento e poesia têm em nós? Por agora, não queremos defini-las, mas achar a necessidade, a extrema necessidade que as duas formas da palavra preenchem. A que amor necessitado elas vêm a satisfazer? E qual das duas necessidades é a mais profunda, a nascida em zonas mais fundas da vida humana? Qual a mais imprescindível?

Se o pensamento nasceu da admiração apenas, segundo nos dizem textos veneráveis, não se explica com facilidade que fosse tão rapidamente se plasmar na forma de filosofia sistemática; nem que tenha sido uma de suas melhores virtudes a da abstração, essa idealidade conseguida no olhar, realmente, porém um gênero de olhar que deixou de ver as coisas. Porque a admiração que nos produz a generosa existência da vida a nossa volta não permite um desprendimento

tão rápido das múltiplas maravilhas que a suscitam. E assim como a vida, esta admiração é infinita, insaciável e não quer decretar sua própria morte.

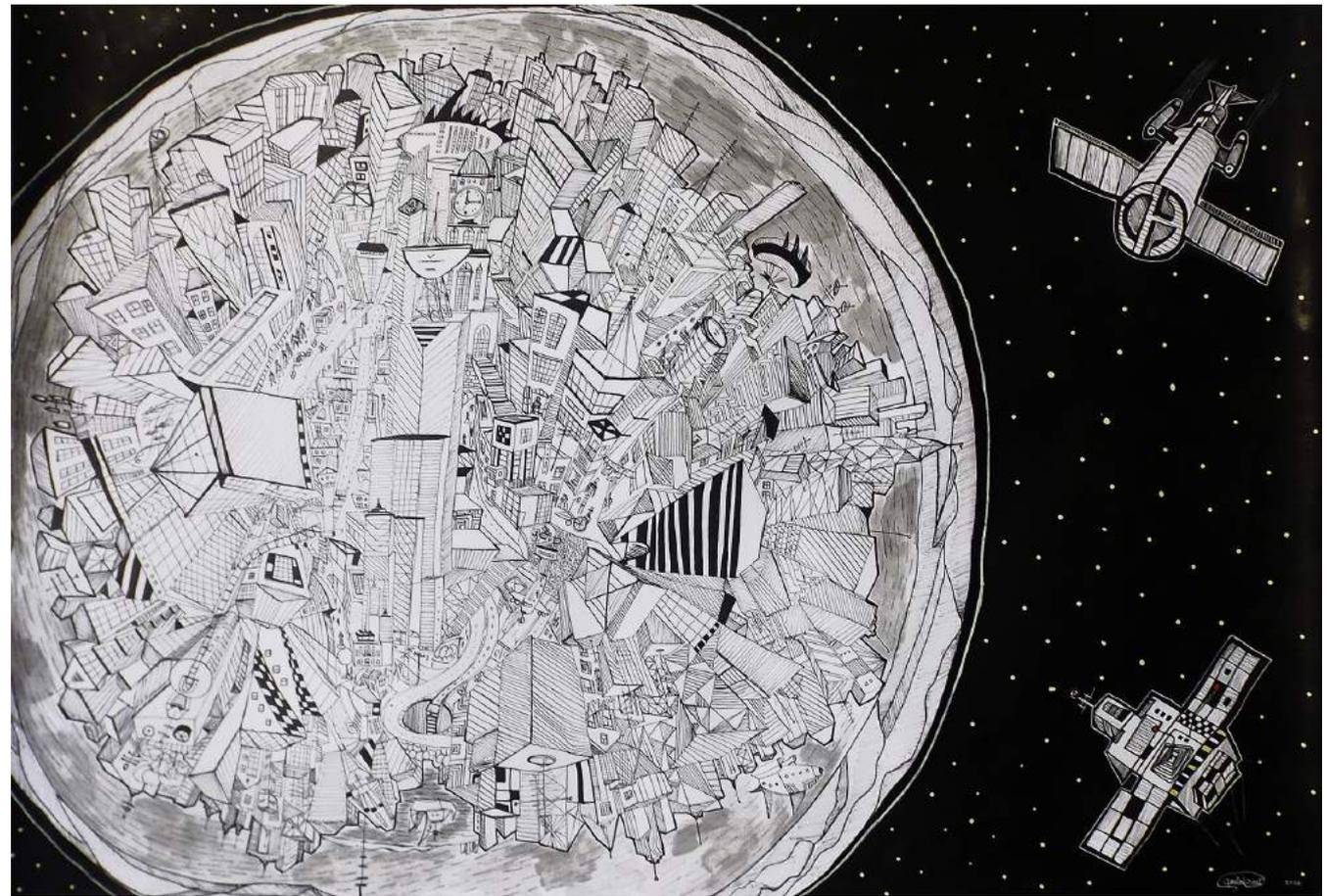
Porém, encontramos em outro texto venerável — mais venerável pela sua tripla auréola de filosofia, poesia e... “Revelação” —, outra raiz de onde a filosofia nasce: se trata da passagem do livro VII da República, em que Platão apresenta o “mito da caverna”: a força que origina a filosofia ali é a violência. E agora, sim, admiração e violência juntas como forças contrárias que não se destroem, nos explicam esse primeiro momento filosófico em que já encontramos uma dualidade e, talvez, o conflito originário da filosofia: o ser primeiramente pasmo, extático diante das coisas, e o violentar-se em seguida para se livrar delas. Diria-se que o pensamento não toma a coisa que tem diante de si senão como pretexto, e que seu primitivo pasmo se vê em seguida negado e talvez traído por essa pressa de se lançar a outras regiões que lhe fazem romper seu êxtase nascente. A filosofia é um êxtase fracassado por uma distensão. Que força é essa que causa a distensão? Por que a violência, a pressa, o ímpeto de desprendimento?

E assim já vemos mais claramente a condição da filosofia: admiração, sim, pasmo diante do imediato, para arrancar-se violentamente dele e se lançar a outra coisa, a uma coisa que se deve procurar e perseguir, que não nos é dada, que não entrega sua presença. E aqui já começa o penoso caminho, o esforço metódico por essa captura de alguma coisa que não temos e necessitamos ter, com tanto rigor, que

nos faz nos arrancarmos daquilo que já temos sem o ter perseguido.

Sem indicar por enquanto qual a origem e significação da violência, fica suficiente afirmar que para que certos seres daqueles que ficaram presos na admiração originária, no primitivo zaumasein, não se resignem diante do novo giro, não aceitem o caminho da violência. Alguns dos que sentiram sua vida suspensa, sua vista enredada na folha ou na água, não puderam passar ao segundo momento em que a violência interior faz fechar os olhos à procura de outra folha e de outra água mais verdadeira. Não, nem todos foram pelo caminho da verdade trabalhosa e ficaram atados ao presente e ao imediato, ao que entrega sua presença e doa sua figura, ao que treme de tão próximo; eles não sentiram violência alguma ou talvez não sentiram essa forma de violência, não se lançaram à procura do ideal, nem se dispuseram a subir com esforço o caminho que vai do simples encontro com o imediato até aquilo permanente, idêntico, Ideia. Fieis às coisas, fieis à sua primeira admiração extática, nunca se dedicaram a se desgarrar delas; não puderam, porque a própria coisa já tinha se fixado neles, estava no seu interior. O que o filósofo perseguia, o poeta, de alguma maneira, já o tinha dentro de si; de alguma maneira, sim, de qual diferente maneira.

Qual era essa diferente maneira de já ter a coisa, que fazia justamente que não pudesse nascer a violência filosófica? E o que produzia, pelo contrário, um gênero especial de desassossego e uma plenitude inquietante, quase terrível? Qual era este possuir doce e inquieto que acalma e não basta? Sabemos que se chamou poesia — e talvez algum outro nome apagado? E desde então, o mundo se divide em dois caminhos. O caminho da filosofia, em que o filósofo impulsionado pelo violento amor ao que buscava abandonou a superfície do mundo, a generosa urgência da vida, baseando em uma primeira renúncia para a posterior



posse total. O ascetismo tinha sido descoberto como instrumento desse gênero de ambicioso saber. A vida, as coisas, tudo seria exprimido de uma maneira implacável, quase cruel. O pasmo primeiro será transformado em interrogação persistente; a inquisição do intelecto começou seu próprio martírio e também o da vida.

O outro caminho é o do poeta. O poeta não renunciava nem simplesmente procurava, porque já tinha. Tinha aquilo diante de si, diante dos seus ouvidos, olhos e tato, aquilo que aparecia; tinha o que olhava e escutava, o que tocava, mas também o que aparecia nos seus sonhos, e seus próprios fantasmas interiores misturados de tal forma com os outros, com os que vagavam lá fora, que juntos formavam um mundo aberto onde tudo era possível. Os limites se alteravam de tal modo que por fim não existiam. Os limites do que o filósofo descobre, por sua parte, vão se delimitando e diferenciando de tal maneira que já se formou um mundo com sua ordem e perspectiva, onde já existe o princípio e o “princiado”; a forma e o que está sob ela.



**Fale outra língua,
escute o mundo!**



Bob Dylan

Tradução de Alexis Peixoto

Três traduções de textos poéticos de Bob Dylan que foram publicados apenas na contracapa de certos discos (as famosas “liner notes”) e que não estão incluídos na reunião das letras traduzidas em português.

Do álbum *Bringing It All Back Home* (1965)

tô aqui assistindo o desfile/
curtindo uma mistura de sleepy john
estes.
jayne mansfield. humphry bogart/
morti-
mer snerd. murph do surf e que tais/
caronista erótico enrolado num lençol
japonês. me chama de lado e pergunta
se não
me viu numa cantoria lá em
puerto vallarta, méxico/digo não, acho
que
você se enganou. na real, sou uma das
Supremes/ aí ele rasga o lençol
e vira um droguista de meia-idade.
candidato a promotor público. desata a
gritar é você. é você que tá
por trás desses protestos todos no
vietnã. agora virado pro
povo, diz que se for eleito vai me
fritar em praça pública no próximo
quatro de julho. olho pra platéia
e vejo que cada um tem seu maçarico/
nem preciso dizer que caí fora
rapidinho, de volta
pro bom e calmo interior. tô aqui
escrevendo
HÃÃÃ? no meu muro favorito e
meu engenheiro de som me aparece
num avião: “vim buscar você
e suas novas obras de arte. quer
ajuda com alguma coisa?”

(pausa)

escrevo minhas músicas pensando

no timbal/um toque de qualquer cor
ansiosa. ino-
minável. óbvio. e o povo talvez
curta um cantor de bossa... abandonei
todas as tentativas de atingir a
perfeição/
pensar que os chefes da casa
branca nunca pisaram no teatro apollo
me deixa besta. lembrar que não
chamaram allen ginsberg
pra ler poesia na cerimônia de posse
me deixa zureta./ se alguém acha que
norman
mailer é mais importante que hank
williams,
beleza. não tenho argumentos e
nunca bebo leite. sou mais ser modelo
de suporte pra gai-
ta do que discutir antropologia asteca/
literatura inglesa. ou a história das
nações
unidas. eu aceito o caos. mas não sei se
ele me aceita. sei que tem gente que
morre de medo
da bomba. já outros têm medo
de serem pegos lendo a revista modern
screen.
a experiência mostra que nada assusta
mais as pessoas que
o silêncio... acredito que todas as
almas
respondem a algum superior/como no
sistema
escolar, um círculo invisível em que
ninguém pensa nada sem consultar
alguém/diante disso,
responsabilidade/segurança. sucesso
não são absolutamente nada...deus me
livre

ser bach. mozart. tolstói. joe hill.
gertrude
stein ou james dean. /todos mortos. os
Grandes livros já foram escritos. os
Grandes ditados
já foram ditos/ tô quase fazendo um
desenho
pra você entender o que pega
por aqui às vezes. se bem que nem eu
sei
direito o que tá pegando. só sei
que todo mundo morre e que o
mundo
nunca parou por causa da morte de
ninguém. escrevo
meus poemas em ritmo de distorção
despoética/
separado por orelhas furadas. cílios
falsos. sub-
traído por gente que vive de torturar
os outros.
com um ronronar melódico de
falsidade
descritiva - às vezes visto por trás de
óculos escuros
e outras formas de explosão psíquica.
uma canção é
qualquer coisa que saiba andar
sozinha./ me chamam
de compositor. um poema é uma
pessoa nua... há
quem diga que sou poeta.

(fim da pausa)

daí respondo pro meu engenheiro de
som
“sim. uma forcinha pra colocar esse
muro

no avião não seria nada mal”.

i'm standing there watching the
parade/
feeling combination of sleepy john
estes.
jayne mansfield. humphry bogart/
morti-
mer snerd. murph the surf and so
forth/
erotic hitchhiker wearing japanese
blanket. gets my attention by asking
didn't
he see me at this hootenanny down in
puerto vallarta, mexico/i say no you
must
be mistaken. i happen to be one of the
Supremes/then he rips off his blanket
an' suddenly becomes a middle-aged
druggist.
up for district attorney. he starts
scream-
ing at me you're the one. you're the
one
that's been causing all them riots over
in vietnam.
immediately turns t' a bunch of
people an' says if elected, he'll have me
electrocuted publicly on the next
fourth
of july. i look around an' all these
people
he's talking to are carrying
blowtorches/
needless t' say, i split fast go back t' the
nice quiet country. am standing there
writing
WHAAT? on my favorite wall when

who should
pass by in a jet plane but my recording
engineer "i'm here t' pick up you
and your lastest works of art. do you
need any help
with anything?"
(pause)
my songs're written with the
kettledrum
in mind/a touch of any anxious color.
un-
mentionable. obvious. an' people
perhaps
like a soft brazilian singer . . . i have
given up at making any attempt at
perfection/
the fact that the white house is filled
with
leaders that've never been t' the
apollo
theater amazes me. why allen
ginsberg was
not chosen t' read poetry at the
inauguration
boggles my mind/if someone thinks
norman
mailer is more important than hank
williams
that's fine. i have no arguments an' i
never drink milk. i would rather
model har-
monica holders than discuss aztec
anthropology/
english literature. or history of the
united
nations. i accept chaos. I am not sure
whether
it accepts me. i know there're some
people terrified
of the bomb. but there are other
people terrified
t' be seen carrying a modern screen
magazine.
experience teaches that silence terrifies
people
the most . . . i am convinced that all
souls have
some superior t' deal with/like the
school
system, an invisible circle of which no
one
can think without consulting
someone/ in the
face of this, responsibility/security,
success
mean absolutely nothing. . . i would

not want
t' be bach. mozart. tolstoy. joe hill.
gertrude
stein or james dean/they are all dead.
the
Great books've been written. the Great
sayings
have all been said/I am about t' sketch
You
a picture of what goes on around here
some-
times. though I don't understand too
well
myself what's really happening. i do
know
that we're all gonna die someday an'
that no
death has ever stopped the world. my
poems
are written in a rhythm of unpoetic
distortion/
divided by pierced ears. false eyelashes/
sub-
tracted by people constantly torturing
each
other. with a melodic purring line of
descriptive
hollowness -- seen at times through
dark sunglasses
an' other forms of psychic explosion. a
song is
anything that can walk by itself/i am
called
a songwriter. a poem is a naked person
. . . some
people say that i am a poet
(end of pause)
an' so i answer my recording engineer
"yes. well i could use some help in
getting
this wall in the plane"

Do álbum Highway 61 Revisited (1965)

No trem manso o tempo não interfere
& na passagem Árabe quem aguarda
é Pilha Branca, o homem do jornal
& atrás dele os cem Inevitáveis feitos
de rocha sólida & pedra -- o Juiz de
Nata & o Palhaço -- a casa de bonecas
onde Rose Selvagem & Ajustávio
vivem somente do seu próprio desejo
animal.....Outono, dois
zeros acima do nariz discutindo se o
sol é escuro e se Bach é tão famoso

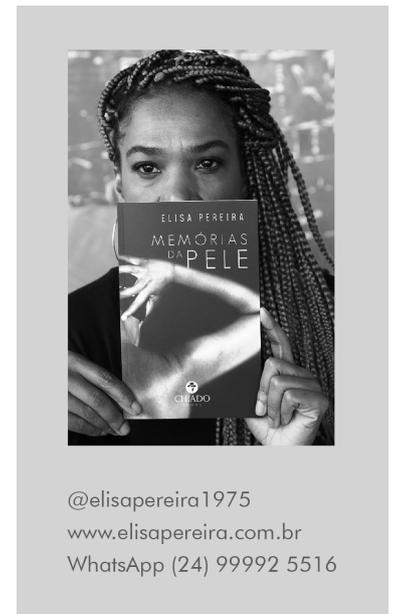
quanto a sua reputação & que ela -- e
não Orfeu -- é o poeta lógico "Sou o
poeta lógico", ela grita. "Primavera?
Primavera é só o começo!" ela tenta
provocar ciúmes no Juiz de Nata
falando da gente pé-no-chão &
enquanto o universo explode, ela
aponta para o trem manso & reza pela
chuva e pela intervenção do tempo
-- ela não é extremamente gorda
mas sim progressivamente infeliz.....
os cem inevitáveis escondem suas
previsões & vão aos bares & bebem
& se embebedam de um jeito muito
especial e consciente & quando tom
dooley, o tipo de cara que você acha
que conhece de algum lugar, aparece
com Pilha Branca, os cem Inevitáveis
todos dizem "quem é o cara com
jeitão de branco?" & o barman, um
bom rapaz & que nunca esquece
o búfalo, diz "Não sei, mas tenho
certeza que conheço o outro de
algum lugar" & quando Paul Sargent,
tira à paisana da 4th Street, chega às
três da manhã & prende todo mundo
por ser incrível, ninguém fica puto
de verdade -- a maioria só fica meio
analfabeta & Roma, um dos cem
inevitáveis sussurra "Eu avisei" para
Madame John. Rose Selvagem &
Ajustávio bravamente mandam beijos
ao Jade Hexagram Carnaby Street
& pra toda a juventude misteriosa &
o Juiz de Nata está escrevendo um
livro sobre o verdadeiro significado de
uma pêra -- ano passado. ele escreveu
um sobre os cães famosos da guerra
civil & agora ele usa chapa & não
tem filhos..... Quando
Nata conheceu Rose Selvagem
& Ajustávio, quem os apresentou
foi ninguém menos que Letargia
-- Letargia é o Grande Inimigo &
sempre usa uma cola de dado -- ele
é muito descolado. . . Letargia disse
quando os apresentou "vai lá salvar
o mundo" & "compromisso! Eis
a questão" & coisas assim & Rose
Selvagem piscou para Ajustávio & o
Nata foi embora com o braço numa
tipóia cantando "é verão & a vida tá
boa"..... O Palhaço aparece
-- põe uma mordaca em Outono e
diz "existem dois tipos de pessoa -- as
simples & as normais" essa geralmente

faz sucesso no parquinho & Pilha
Branca espirra -- desmaia & rasga fora
a mordaca de Outono & diz "Que
história é essa que você é Outono e
sem você não tem primavera! Idiota!
sem primavera, não tem você! Que
acha disso???" . Rose Selvagem e
Ajustávio aparecem & lhe metem um
chute no juízo & pintam ele de rosa
por ser um falso filósofo -- aí entra o
Palhaço e grita "seu falso filósofo!" &
pula na cabeça dele -- Paul Sargent
reaparece vestido de árbitro & um
bicho de faculdade que leu tudo de
Nietzsche chega & diz "Nietzsche
nunca se vestiu de árbitro" & Paul diz
"quer comprar uns pano, rapaz?" &
Roma & John saem do bar & vão pro
Harlem..... hoje vamos cantar sobre
a GANGUE DO EXTERMÍNIO
-- a GANGUE DO EXTERMÍNIO
paga, possui & dirige a Fábrica de
Insanidade -- se você não sabe onde
fica a Fábrica de Insanidade, dê já dois
passinhos para a direita, pinte seus
dentes & vá dormir.....nte
canções mas sim exercícios de controle
de respiração tonal..... o assunto
em pauta -- por mais insignificante
que seja -- tem qualquer coisa a ver
com os belos estranhos. . . Os belos
estranhos, a casaca verde de Vivaldi
& o sagrado trem manso você tem
razão john cohen -- quasimodo tinha
razão -- mozart tinha razão . . . não
consigo mais falar a palavra olho . . .
quando falo a palavra olho, parece que
estou falando do olho de alguém que
só lembro vagamente.....
não tem olho nenhum -- só uma série
de bocas -- vida longa às bocas -- seu
telhado -- se você ainda não sabe
-- foi demolido..... olho é plasma &
você tem razão sobre isso também --
sorte sua -- que não tem que pensar
nessas coisas como olho & telhados &
quasimodo.

On the slow train time does not
interfere & at the Arabian crossing
waits White Heap, the man from the
newspaper & behind him the hundred
Inevitables made of solid rock & stone
-- the Cream Judge & the Clown --
the doll house where Savage Rose &

Fixable live simply in their wild animal luxury Autumn, with two zeros above her nose arguing over the sun being dark or Bach is as famous as its commotion & that she herself -- not Orpheus -- is the logical poet "I am the logical poet" she screams "Spring? Spring is only the beginning!" she attempts to make Cream Judge jealous by telling him of down-to-earth people & while the universe is erupting, she points to the slow train & prays for rain and for time to interfere -- she is not extremely fat but rather progressively unhappy..... the hundred Inevitables hide their predictions & go to bars & drink & get drunk in their very special conscious way & when tom dooley, the kind of person you think you've seen before, comes strolling in with White Heap, the hundred Inevitables all say "who's that man who looks so white?" & the bartender, a good boy & one who keeps the buffalo in his mind, says, "I don't know, but I'm sure I've seen the other fellow someplace" & when Paul Sargent, a plainclothes man from 4th street, comes in at three in the morning & busts everybody for being incredible, nobody really gets angry -- just a little illiterate most people get & Rome, one of the hundred Inevitables whispers "I told you so" to Madam John..... Savage Rose & Fixable are bravely blowing kisses to the Jade Hexagram Carnaby Street & to all the mysterious juveniles & the Cream Judge is writing a book on the true meaning of a pear -- last year. he wrote one on famous dogs of the civil war & now he has false teeth & no children.....when the Cream met Savage Rose & Fixable, he was introduced to them by none other than Lifelessness -- Lifelessness is the Great Enemy & always wears a hip guard -- he is very hipguard Lifelessness said when introducing everybody "go save the world" & "involvement! that's the issue" & things like that & Savage Rose winked at Fixable & the Cream went off with his arm in a sling singing

"summertime & the livin is easy" the Clown appears -- puts a gag over Autumn's mouth and says "there are two kinds of people -- simple people & normal people" this usually gets a big laugh from the sandpit & White Heap sneezes -- passes out & rips open Autumn's gag & says "What do you mean you're Autumn and without you there'd be no spring! you fool! without spring, there'd be no you! what do you think of that???" then Savage Rose & Fixable come by & kick him in the brains & color him pink for being a phony philosopher -- then the Clown comes by and screams "You phony philosopher!" & jumps on his head -- Paul Sargent comes by again in an umpire's suit & some college kid who's read all about Nietzsche comes by & says "Nietzsche never wore an umpire's suit" & Paul says "You wanna buy some cloths, kid?" & then Rome & John come out of the bar & they're going up to Harlem we are singing today of the WIPE-OUT GANG -- the WIPE-OUT GANG buys, owns & operates the Insanity Factory -- if you do not know where the Insanity Factory is located, you should hereby take two steps to the right, paint your teeth & go to sleep.....the songs on this specific record are not so much songs but rather exercises in tonal breath control. . . . the subject matter -- though meaningless as it is -- has something to do with the beautiful strangers.....the beautiful strangers,Vivaldi's green jacket & the holy slow train you are right john cohen -- quazimodo was right -- mozart was right..... I cannot say the word eye any more..... when I speak this word eye, it is as if I am speaking of somebody's eye that I faintly remember there is no eye -- there is only a series of mouths -- long live the mouths -- your rooftop -- if you don't already know -- has been demolished.....eye is plasma & you are right about that too -- you are lucky -- you don't have to think about such things as eye & rooftops & quazimodo.



Nelson Rodrigues resenhado por um idiota da objetividade

Laércio Becker

Segundo Nelson Rodrigues (p. 55), “todos os autores têm suas três ou quatro frases bem-sucedidas”. Pois ele tem muito mais que isso.

Em 1997, a Companhia das Letras publicou *Flor de obsessão*, uma coletânea de suas sentenças, selecionadas e organizadas por Ruy Castro em ordem alfabética de assuntos. Muito boa, porque, se você se lembrasse vagamente de uma ou quisesse a opinião dele sobre algum assunto, era fácil de encontrar (claro, desde que seu ilustre biógrafo a tivesse selecionado). Mas também funcionava abrindo a esmo, como uma Bíblia (que, pensando bem, nunca deixou de ser).

O problema era a absoluta falta de indicação das fontes. O que seria bem fácil, pois bastava citar as edições da própria Companhia das Letras. Consequentemente, você encontrava uma pérola como “a Europa é uma burrice aparelhada de museus” (p. 60) e não tinha a mínima ideia de que ostra paginada ela saiu. Nelson me chamaria de idiota da objetividade (p. 173), mas gosto de saber a origem da frase para buscar o contexto, a linha de raciocínio etc.

Em 2012, a Nova Fronteira publicou *Nelson Rodrigues por ele mesmo*, organizado pela filha Sonia Rodrigues. Não era um livro de frases, mas ao longo dele havia algumas soltas e uma relação de outras tantas nas últimas 19 páginas, sem qualquer organização. Se fossem todas sobre si mesmo, seria compreensível. Só que não é. Resultado: lá você só lia algo como “o psicanalista é uma comadre bem-paga” (p. 262) por um mero lance de sorte. E também não sabia de onde saiu (aliás, como todos os textos ali reunidos).

Agora, na virada do ano, a Nova Fronteira lançou nova coletânea, *Só os profetas enxergam o óbvio*. Em

parte, ajuda na identificação da fonte, mas... Enfim, esta obra é organizada por livro de Nelson publicado nessa editora. Então, há um capítulo com as frases de *A cabra vadia*, outro de *O reacionário*, outro de *Asfalto selvagem* e assim por diante. Dentro de cada capítulo, as frases são organizadas em ordem alfabética de assunto. Exemplo.: o capítulo de *Memórias: a menina sem estrela* começa no verbete “Admiração e admiradores” e termina em “Vômito”; o capítulo seguinte, de *O óbvio ululante*, reinicia a ordem alfabética com “Admiração” e por aí vai. Detalhe: há um sumário dos capítulos, mas não um índice dos assuntos.

Então, se você quiser procurar determinado assunto, terá de vasculhar em cada capítulo, um por um. No exemplo acima, note que o assunto “admiração” se repete nesses dois capítulos. Ou seja, mesmo que você encontre o assunto num capítulo, terá de garimpar em todos os demais. Sim, sou um idiota da objetividade, mas achei essa organização bem menos prática do que a adotada por Ruy Castro.

Aí você pode dizer: tudo bem, mas ao menos podemos saber de onde a frase foi pinçada, certo? Mais ou menos... Há um só capítulo para *A vida como ela é* (com apenas três páginas!), sendo que, em 2012, a Nova Fronteira publicou três coletâneas dessa coluna, totalizando 1.270 páginas. Ou seja, você encontra aí uma clássica como “o dinheiro compra até o amor verdadeiro” (p. 91), mas não sabe se ela saiu de *A vida como ela é...* (493 p.), *A vida como ela é... em 100 inéditos* (434 p.) ou *A vida como ela é... em série* (343 p.).

E o que custava dizer em que conto ela foi encontrada? O mesmo problema se repete nos capítulos dos livros de crônicas: por que não

identificar a crônica? E, dos romances, em vez de indicar o capítulo, diz o nome da personagem que falou (informação bem menos relevante).

Para um idiota da objetividade como eu, em vez de empurrar o leitor para o panóptico do Google, o ideal seria organizar o livro em ordem alfabética de assuntos (como o da Companhia das Letras), mas com uma identificação mínima da fonte, como este da Nova Fronteira fez nos capítulos “Peças de teatro” (que indica a peça de onde a frase saiu), “Textos inéditos em livros” e “Entrevistas” (que indicam os jornais e revistas). Aliás, já que a coletânea foi quase toda selecionada a partir das edições da Nova Fronteira, poderia indicar até a página de onde tirou a frase.

Outra coisa. Tudo bem que “só os profetas enxergam o óbvio” (p. 7), mas não é necessário ser profeta — apenas leitor de Nelson — para saber que ele repete várias vezes alguns de seus hilariantes bordões. Porque, segundo Gide, tudo já foi dito, mas, como ninguém ouviu, é necessário repetir. Traduzindo para a versão rodriguiana, “as coisas ditas uma vez e só uma vez morrem inéditas” (p. 7). Por isso, ele mesmo confessa: “tenho dito, obsessivamente, que sou uma flor de obsessão” (p. 28).

Mas o que justifica, no exíguo capítulo destinado às três antologias de *A vida como ela é*, uma mesma página (90) estampar duas frases praticamente idênticas: “em matéria de amor, qualquer homem é um canalha” (verbeta “Amor”) e “qualquer homem é um canalha” (verbeta “Canalhas e cretinos”)?

Fazer isso numa seleção tão pequena de sentenças é um pecado mortal. São apenas 127 páginas, das quais precisamos descontar as apresentações do livro e de cada capítulo, bem como os vários espaços

em branco e algumas frases em fonte ampliada. Resultado: a apresentação gráfica do livro é “bonitinha, mas ordinária”, porque é feita ao custo de perda de informação. Quem compra um livro pelos espaços em branco?

Em resumo, essa publicação só se sustenta no brilhantismo verbal de Nelson. Sobrevive à irrisória seleção, à péssima organização e à falta de indicação das fontes por um motivo muito simples: porque é impossível de ser ruim qualquer seleção de frases dele. Por isso mesmo, apesar de tudo, não é dinheiro jogado fora. Ok, essa constatação é fruto da minha tietagem. Ah, mas aí sou parcial... Ora, pipocas, “o imparcial só merece a nossa gargalhada” (p. 78)!





Janet Malcolm

Trecho de O jornalista e o assassino
Tradução de Tomás Rosa Bueno

Qualquer jornalista que não seja demasiado obtuso ou cheio de si para perceber o que está acontecendo sabe que o que ele faz é moralmente indefensável. Ele é uma espécie de confidante, que se nutre da vaidade, da ignorância ou da solidão das pessoas. Tal como a viúva confiante, que acorda um belo dia e descobre que aquele rapaz encantador e todas as suas economias sumiram, o indivíduo que consente em ser tema de um escrito não ficcional aprende — quando o artigo ou livro aparece — a sua própria dura lição. Os jornalistas justificam a própria traição de várias maneiras, de acordo com o temperamento de cada um. Os mais pomposos falam de liberdade de expressão e do “direito do público a saber”; os menos talentosos falam sobre a Arte; os mais decentes murmuram algo sobre ganhar a vida.

